

Evangelho de Diógenes

Evangelho De Diógenes

Joedson Adriano

Ideia
João Pessoa
2013

Todos os direitos e responsabilidades do autor
Joedson Adriano da Silva Santos

Editoração Eletrônica
Magno Nicolau

Revisão
Joedson Adriano da Silva Santos

A243e Adriano, Joedson.
Evangelho de Diógenes / Joedson Adriano. – João Pessoa: Ideia, 2013.
145p.
1. Filosofia - Literatura Grega

CDU: 1

Contato com o autor:
email: odeaosdeusesjoedson@gmail.com


EDITORA

www.ideiaeditora.com.br

Impresso no Brasil - Feito o Depósito Legal

a WJ Solha
meu irmão-gênio

EXPLICAÇÃO

Isto é uma biografia, o que não quer dizer muita coisa se for verdade. Mas como qualquer uma de quem se preza, é lendária, exagerada, mitológica, fictícia, absurda, boateira, falsa, inventiva, enganadora, mistificadora, incoerente e mais um monte de coisa, pra vida (a d'Ele e a nossa) não ser um tédio. E eu me prezo muito e também a Diógenes (é Ele), vulgo o cínico, culto o *quínico*, vide Peter Sloterdijk e, de quebra, Michel Onfray pra não deixar de se ter uma bibliografia e mentir um pouco mais. Isto é uma tradução. E mais que qualquer outra, traição, além de um chavão, mas não tem outra solução pro tão português *ãõ*. Primeiro, porque os textos originários (e isto é uma compilação de praticamente todas as centenas de anedotas legadas pela antiguidade clássica sobre o sabido, principalmente Diógenes Laércio e Dion de Prusa) deste meu original plágio, são em grego e latim, que não falo nem escrevo perfeitamente. Segundo, porque é uma tradução de traduções em inglês e espanhol (principalmente de Jose Antonio Martín Garcia), línguas de que nem ligo o sujeito ao verbo, embora adjetive bastante; e de traduções em português, este sim falo perfeitamente bem e escrevo bem imperfeitamente (como já podeis comprovar), mas traduzi-las ao português é, no mínimo, suspeito. Além dessas, há uma babel na internet mais suspeitas ainda. Quarto, porque é em verso, transcribando os fragmentos, mas aí, pelo menos me aproximo da fala de

Diógenes, já que este nada escreveu, e tomai: trocadilhos, ironias, inversões, chulos, sarcasmos, calões, paradoxos, rimas, aliteraões, metáforas, metonímias, palavrões, cacó-fatos, livres associações. Daí (ou só daqui?) isto ser um poema (ou vários ovários fecundados), portanto – ou nem tanto faz –, um épico-lírico também dramático, mas sem tragédia com muito comédia. Afinal (mas tem mais) isto é uma paródia (sátira ou comparação caricata) dos evangelhos de Jesus (como o título indica), uma constatação da influência do cinismo sobre o cristianismo primitivo e da primitividade dos cristãos. Isto é uma apologia ao meu mestre e também de Epicuro e Zenão, de Nietzsche e Stirner; ao precursor (na prática) do existencialismo, humanismo, ceticismo, cosmopolitismo, perspectivismo, multiculturalismo, ateísmo, individualismo, niilismo, naturismo, relativismo, secularismo, anarquismo e outros ismos das revoluções culturais e sexuais até os dias atuais; ao inspirador de Luciano, Kierkegaard, Voltaire, Sêneca, Diderot, Cervantes, Sartre, Foucault, Rabelais, Freud, Millôr, Erasmo, Sade, Bolaños (o Chespirito de Chaves, meu primeiro contato com Diógenes, *sin saber sabiendo*; o *sapiens sapiens* foi no primário num livro didático que contava o duelo contra Alexandre Magno e a derrota deste, e ao vencedor um fã embora não ático) e dizem que inspirou até a Shakespeare, Goethe, Pessoa e a mim como parece que até já disse, pois isto sou eu e não é pra principiantes.

- 1 como muitos sabem no princípio era
a palavra de deus seu filho unigênito
mas poucos conhecem o incalculável prêmio
que eu agora apóstolo apresento a fera
Diógenes o *quínico* o original gênio
o *nazireu* cristo o *nous* e a *monera*
o *nômeno* o *pneuma* e o ai quem dera
fosse eu e é pois Zeus é seu gêmeo
e se fez sangue-carne no mundo e o mundo
não no conheceu mas do céu que sou vaso
de volts positivistas e negando os prazos
em mim há a volta revolta do iracundo
desconhecido contra o conhecido raso
que se rebaixa ao baixo porém alto e profundo
de iluminista índole e indolente vagabundo
em mim se insurge ressurgem o vinho-ázimo

- 2 dois mil quatrocentos e vinte quatro anos
do solstício de inverno no qual o herói nascia
na cidade de Sínope atual Turquia
Anatólia pros Jônios seus fundantes fulanos
na região ao sul do Mar Negro que soía
Paflagónia ser dita por *helenos* colonos
que lhe deram nomes numes leis e tronos
escrita arte ciência e cidadania
onde se fez um porto e a moeda floresceu
pra modificar a moda por nada
a partir do nada criador e a revirada
e independente *utopia* se deu
sob bênção do sincrético Serápis sem parada
no tempo será pior no templo Serapeu
seu nome Diógenes(nascido de Zeus)
voyeur do declínio dos medrosos de espada

- 3 o filho da mãe dona de casa Olimpiade da qual só se sabe por analogia que não era donzela antes do messias estar concebido via sexualidade e do pai Iquésios cultor da mais-valia proprietário de banco grande autoridade do qual não se confirma a paternidade nem se sabe nada da genealogia Diógenes nasceu normal sem nenhum culto de reis pra visitá-lo vindos do Industão nem aos seus vinte quatro meses de pagão um cutelo nem fuga ao *pitagóreo* oculo pra aos doze anos já ser douto senão pra falar uma nova língua quando adulto trigo em meio ao joio com seu fermento bruto a extrapolar contra a tradição
- 4 em sua terra Diógenes que contradição! era um banqueiro e recebia conselhos e convites de amigos e do próprio espelho pra fraldar a moeda de sua natal nação por isso foi a Delfos e ao *oráculo* mais velho sem rodeios indagou “falsifico ou não?” e de lúdica lógica logo a solução “altera os valores do mundial aparelho” fez como entendeu e sendo exilado por crime econômico o anatólio leal retornou a Apolo pro apelo moral “oh meu deus incerto! o que deu errado?” o qual contou mais claro “entendeste mal mudaste o material barqueiro sob o fado ao invés de imoral diabo incorporado o oceânico interno eterno espiritual”

- 5 antes desse evento nada mais conheço
de quem dou notícia e avanço o *evooé*
após completado o trintênio mister
pro homem adulto de helênico berço
e saísse com alvíssaras Diógenes pra ser
até os noventa o super do avesso
mais que toda Hélade no esplendor do excesso
pra sua decadência tinha a oferecer
e o que ofereço é esse intervalo
num anedotário de imparcial mó
contra as abstrações a experiência sem dó
do estrategista sem couraça ou cavalo
nem armas senão as palavras e o pó
da estrada pisando nos humanos calos
nos convencionalismos e seus corolários
o espiritual exército de um homem só
- 6 desterrado Diógenes de Sínope partiu
e consigo levou um servo que com fome
pra ser forro fugiu mas sem o abano à frente
o escravocrata nem se abalou e sorriu
“se sem mim vive Manes eu vivo sem outrem
volte então pra Lídia puta que o pariu
eu agora sou sem mar apenas rio
sem precisar de homens eu me torno homem
o escravo fugiu de mim oh Fortuna!
que posso dizer-te senão que agora
eu é que fui liberto *desprometeu* na tora
desacorrentado da escura furna
pega a tua roda e vai-te embora
cuidar de quem está sujeito à tua pluma
pois rasguei o véu e vejo as coisas uma
a uma e em mim não há mais nada de tua obra”

- 7 e seguiu pra Atenas onde conheceu
e perseguiu Antístenes asceta exemplar
que também não era cidadão de lá
mas estava acima dos títulos de deus
ou de demagogo o esperto escolar
por razão de buscar virtude invés de véus
e só aceitava pra aluno seu
um entre mil mas teve que matricular
por muita insistência o astuto pupilo
pois mais artista alegre que *sofista* triste
resistiu o peste à vara de Antístenes
surpreendendo este com seu sabido filo
“podes me bater porque não existe
pau duro o bastante pra eu te deixar tranquilo
antes que me ensines algum estribilho
nem que seja ao menos um insolente chiste”
- 8 e ficou Diógenes a frequentar as aulas
de Antístenes *socrático* no sacro Quinosarges
literalmente ou quase “cão ágil” à margem
do rio Ilissos ao sul fora das muralhas
de Atenas situado onde havia além
dum *ginásio* restrito a remediar as falhas
digo os bastardos filhos da *elitalha*
de onde a origem por ética ou sem
do termo *quinismo*(dos cães) pra apelidar
mais que a filosofia a prática ataque
ao idealismo de lerdo araque
de quem estudava naquele lugar
um santuário em honra ao herói Heracles
patrono dos *quínicos* pois símbolo sem lar
de liberdade e força pra filosofar
mas vivendo primeiro da virtude um craque

- 9 Antístenes disse que lhe era mister
 um fiel amigo a Diógenes e este
 lhe trouxe um punhal e um curto lembrete
 “aqui o melhor que poderias ter”
 e quando aquele estando doente
 já tempos depois exclamou a sofrer
 “quem me poderá destas dores defender?”
 um punhal lhe trouxe o aluno novamente
 e ao ver a arma o primeiro assustado
 “eu quero me livrar das dores não da vida”
 e o segundo devolve com pregação crítica
 na causa da eutanásia pra tranquilizá-lo
 “melhor resolveres de forma definida
 os teus dois problemas em apenas um ato
 e relativista eu mesmo o faço
 se quiseres te aplico a cura absolutista”
- 10 Diógenes dizia que frequentou o curso
 porque era o mestre o único caráter
 digno de atenção e sem sacanagem
 se não se tornaria totalmente recluso
 e Antístenes gostava da cara e coragem
 do aluno firme no seu jeito avulso
 de se revelar em violentos impulsos
 que não aliviavam nenhuma das bases
 inclusive quando insolente plebe
 o ator apelidou ao mentor de trombeta
 “a si mesmo por mais que barulho cometas
 ouvir não consegues” completou o esbregue
 o provocador e pícaro esteta
 e o professor pois já estava entregue
 “que a picada dói não há quem te negue
 e também é veloz teu voo minha vespa”

- 11 a Apolixide Diógenes pediu que lhe arranjasse um quarto pra morar dando até mora mas já pê da vida devido à demora se instalou na medida pra encerrar o impasse no barril de barro no Metroon uma glória da *ágora* de Atenas e o local de classe um templo dedicado a Deméter madre escolheu após ver um rato que sem horas nem preocupação de onde dormiria andava sem destino e o grande paladino de iluminada consciência pro destino apontando pra outras de suas hospedarias o portal Propileu e o templo Olímpico “os próprios atenienses ao construir sua *latria* me dão muitos locais por herege ironia pra eu recostar a cabeça condigno”
- 12 foi então que Diógenes largou todos seus bens como de saudável costume altaneiro dos quínicos inclusive Antístenes primeiro distribuindo o dinheiro ao vulgo sem vintém passando o bárbaro de banqueiro a bronqueiro pra reavaliar os preços das coisas com desdém esvaziar os nomes que não dizem o trem relativizar hábitos e ideias de obreiros com o direito à preguiça profana no seu ócio criativo pra dessagrar o ódio buscando qualidade de vida sem ópio como objetivo e sem ganhar grana nem querer quantidade de objetos e pódios fazendo de si mesmo a *mônada* com ganas de nada senão acima da manada de si mesmo a artística e magnânima *opus*

- 13 Diógenes dizia-se modelo pra tragédia
por ser exilado sem pais país ou quantias
mendigo e vadio mas com artilharia
até contra o rei pra garantir sem trégua
o pão de cada dia pois a filosofia
o fez preparado pras variações da média
e sua economia pras andadas de léguas
apenas um cajado na simbologia
a clava de Heracles seu guia e protetor
pra guardar comida tinha uma bolsa
e quem não na possuía possuído por joças
o apodo de boçal aleijado ganhou
sem bravura cômica pra encarar sua bossa
de drama cum só manto pra veste e cobertor
porque não possuir as coisas é o sabor
de sabê-las praqueles que não há quem possa
- 14 assim falou Diógenes “dês que sem pudor
me alforriou Antístenes não fui mais escravo
ele se tornou o maior responsável
por minha *metanoia* de *único* eu me impor
isso me ensinando o meu muito grave
e o risível alheio pra eu com força expor
a minha moral atual de senhor
de mim mesmo o meu sem nenhum entrave
e não é meu todo o remanescente
amigos familiares e reputação
propriedades mulheres festa e reinação
tudo isto é alheio e me mente
somente eu sou meu sem nenhum senão
pois coincido comigo em qualquer ambiente
e o tempo todo sem meio-termo um repente
pra felicidade o fim em exceção”

- 15 assim falou Diógenes “sou agradecido a Antístenes mestre que me transformou em radical filósofo e homem de valor de dedos delicados e punhos aguerridos me fez um mendigo do rico com temor que eu era mas não quero mais morar escondido em casa espaçosa e sim nas ruas rindo com meu único bem de espaço maior o meu pensamento onde um limite ninguém pode pôr e o possuo té o talo sem impedimento nenhum e do hipotálamo *desplatônico* diálogo pra eu ser hilária elite porque ninguém pode forçar-me a utilizá-lo de modo diferente do que sempre consiste a minha vontade de potência em riste até só em monólogos de mim eu não calo”
- 16 Diógenes embora considerasse Antístenes seu antecessor e batizador nas águas do Ilissos e um continuador da força socrática como nem existe o achava ainda de pouco destemor pra percorrer o atalho da *aretê* fixe curto pra chegar mas forçoso o enriste a vida inteira de *ascese* pro melhor estreito onde só cabe um no fio sem doze discípulos apenas as duras e difíceis dúzias de trabalhos e curas reduzindo ao ridículo as cúrias com brio assim o missionário rindo das agruras na sua senda sozinho sem cruz persistiu pregando a todos e a ninguém e hostil sem hóstia praguejando à toda criatura

- 17 superado o mestre Diógenes sedento
saiu pra superar a si mesmo e então
a todos os homens na transvaloração
de todos os valores os velhos varrendo
e os novos criando sem tábuas de ancião
onde colocá-los e os jogava ao vento
através dos atos os maiores argumentos
rindo e dançando no meio da confusão
sem escola comum mas de incomum sacola
onde não entrava a coruja das moedas
pra da sua misantrópica picaresca novela
ninguém querer tirar ideologia ou dogma
da sua razão áurea pra não ficar na média
nem se fosse de ouro a tragédia a diplomas
solitário anarquista contrário aos comas
o aquilino queria o extremo da comédia
- 18 um *gimnosofista* ou quase o canídeo
o primeiro a dobrar a única muda
de roupa curta túnica deixando desnudas
as pernas e o peito esquerdo exibido
macho como uma dórica coluna
de músculos atléticos sem excessos fornido
Diógenes de estético e ético unidos
como um apenas numa arte uma
sem sandálias ou luvas nem nenhum adorno
caniço ao vento sem púrpuras vestes
tal lírio do campo de pele resistente
bronzeadada e calejada ao veranil forno
e ao glacial inverno sem ranger de dentes
de cabelo e barba distraidamente longos
negando a superestrutura de engodos
como um bom bárbaro ao luxo indiferente

- 19 a um moralista que lhe recriminava
pelos sinopenses ao destino desterro
lhe terem condenado Diógenes sem berro
“e eu os condenei a ficar na vala
e lhes agradeço por causa do enterro
do banqueiro no exílio encontrei a dádiva
de me tornar filósofo que a si mesmo se salva
e cidadão do mundo sem patrióticos ferros”
e com vara curta o cara continuou
a cutucar o perro que ladrava mordaz
e mordia ladrões “mas nunca apagarás
teu criminoso erro de adulterador”
“também mijei na cama mas não faço mais
e se um incapaz fútil fingidor
como és já fui afirmo que senhor
como agora sou tu nunca serás”
- 20 ao observar Diógenes a um desterrado
sofrendo por estar agonizando longe
de sua terra natal lhe consola o monge
sem mercê monástico “te acalma danado
porque o caminho pro Hades tanto hoje
como sempre é o mesmo em todo lado
então te alegre e faze festa ao fado
pra comemorar o fim que te forje
a falta de dor num breve futuro
deixa os velórios e as lágrimas pra dura
realidade dada a juro e juras
pelos deuses doidos aos pobres nascituros
ou então te suicida logo sem frescura
pois a morte silente é um meio seguro
de liberdade sobre os mentais monturos
é a subversão que até o nada cura”

- 21 Diógenes dizia que não calçava os pés andando em direção ao horizonte sem fim pois não eram sensíveis aos climas ruins mais do que os olhos e jogava ao seu jaez “apesar que seria mais difícil pra mim andar d’olhos cobertos ao invés dos pés o que não impede como até tu vês dos cegos o fazerem sem muito pantim” e de contínuo andava descalço e sem gorro no verão por cima da areia que ferve na qual se espojava um *hippie* sem *rave* despreocupado feito um cachorro no inverno sobre o chão cheio de neve e abraçava as estátuas cobertas do frio forro que lhe reforçava pra não pedir socorro a espirituosa e egotista verve
- 22 Diógenes no início da vida de mendigo precisou pedir e o primeiro quem foi uma estátua e “o que é isso?” uns cem e ele “deste modo me adapto ao negativo” e já calejado com o sempre sem aos transeuntes partiu com este artigo “se nunca a ninguém começa comigo mas se já a outro dá a mim também” e outrossim ensinava “é o mesmo dar a quem não se deve e a quem se deve não dar uma *dracma* e eu sempre em greve porquanto sou rico de a mim mesmo me amar filantropo sem tropas e dos outros tão leve nem dou e nem devo a ninguém um jantar a ameaça à maioria é a paga a peidar pois comi o dever que não se atreve”

- 23 se inquirido por que pedia tal sacerdote explicava Diógenes “pra ensinar aos confrades” “e o que tu ensinas?” “a generosidade como as pessoas devem gastar o seu dote e é sempre comigo que ladro a verdade nunca cos ladrões que leem a sorte” e aos amigos pedia exigindo do pote tal se lhe devessem da prata a parte mais grande e grave aclarava ca tese e sua opinião a verdade briosa o porquê da audácia na gozosa glosa “pois como as coisas são todas dos deuses e estes são amigos do sábio que se goza e as coisas dos amigos comuns entre eles na tora sem retórica que não queime nem gele dos sábios só podem ser todas as coisas”
- 24 assim falou Diógenes “absurdo botar na lâmpada azeite pra ver o que tem em cima da mesa e um só vintém não querer gastar pra iluminar o pensamento cético e saber do bem o melhor pra vida ser sempre maná pois o bem é próprio do sábio e o que sobrar é charlatania e não nos convém não é bom nenhum esforço do qual o objetivo não seja o vigor e o sossego da alma que diz o que vive em desapego aos bens e material com desdém igual vive o que diz sem esquecer o ego pois a ação primeiro e o discurso ao final pra fortalecer o corpo animal onde se encontram as almas sem nego”

- 25 recebendo Diógenes dum amigo clemência no local alguns elogiam o altruísta mas reclama o egoísta “¿só merece vista quem abona e não o digno da bênção?” contudo somente pra contrariar despista se lhe enaltecem a temperança e a graça se esbofeteia dizendo “que desgraça! acho que fiz merda pra ter tal desdita” e sempre irreverente a jogar estrume na *doxa* o paradoxo em pessoa expõe “o êxito e a fortuna dos desonestos põem por terra a potência e a força dos numes quando a maioria te elogia é pois não vales nadinha mas quando teu lume seu ninguém assume e ainda por costume te censuram é pois tu vales por milhões”
- 26 assim falou Diógenes “fazem exercícios os homens pra lutar com murros e chutes uns contra os outros mas não pra virtude de serem honestos de fortes princípios combatendo a si mesmos em regime rude incessantemente até o exício porquanto observo que tanto nos ofícios de artesões simples quanto na amplitude de atletas famosos a física eficácia e a destreza do duro treinamento se obtêm e através deste pro corpo todo além de idealistas cabeças o sábio alcança a psíquica força e o equilíbrio também e mente e corpo juntos se abalançam desavergonhados e sem alabança pra ótima saúde do homem de bem”

- 27 Diógenes ao ver um garoto aprendendo as letras "te afias como uma espada!" e o menino pra lâmina muito amolada "e o que é mais difícil conhecer reverendo?" e o *empírico* "a si mesmo porquanto por causa da autoestima cada indivíduo temendo se atribui muitas qualidades não tendo e não reconhece suas inúmeras falhas e convém aos sábios falar os seus méritos somente quando óbvio consegue adquiri-los e o autoconhecimento de ver o precipício de dentro e não o fora sidéreo é o método mais eficiente e nobre portanto neste início de aprendizagem ao arcaico arquétipo a desaprender avança intrépido como se um raio dum deus vitalício"
- 28 ensinava Diógenes "dos homens o destino é a sua vaidade porque por ninharias pra onde ela quer os conduz pela orgia" e lutava dia e noite *sisifino* pra vencer os valores da alheia tirania por mais que democrata fosse o eufemismo e pra não perder nem mesmo pra meninos abandonava objetos que achava sem valia jogou fora sua cuia ao ver uma criança da fonte beber água cas palmas das mãos lhe dando um banho de barbarismo são e seu prato quando outra em temperança lentilhas comeu no oco dum pão sustentável dentro da cósmica dança e as duas lhe retornavam sempre à lembrança como um modelo de adequação

- 29 sua máxima “à circunstância adaptar-se”
Diógenes na prática aplicava à vida
e exercia *filosofisiologia* unidas
se comesse cus ou em bocas cagasse
sem disfarce entre enormes avenidas
ou dentro dum templo por fora dos passes
exigia com chulos a quem quer que passasse
ou aos ajoelhados a esmola devida
com isto passava por alguns perigos
porém correr riscos era o seu troféu
como quando outros destruíram seu tonel
e também lhe deixaram um pouco ferido
mas lhes socorreram e prenderam os réus
uns chapas da união de egoístas vindos
pois também cativara um monte de amigos
que uma nova cuba lhe deram pra hotel
- 30 o incircunciso Diógenes apesar de tantos
os agravos sofridos se gabava assaz
de nenhum lhe atingir *diderotiano* audaz
e matador de monstros psíquicos portanto
não tinha inimigos e estava em paz
na sua *apatia* se bem-aventurando
na guerra contra todos ao seu próprio comando
no querer ser como os deuses imortais
e quando lhe dizia um mala metido
“com esse excesso mexem é contigo”
lhe respondia rápido e rasteiro o mendigo
“o importante é eu não ser mexido”
“contudo riem de ti” contavam os amigos
e o repentista de discurso aguerrido
“também asnos riem deles e assim tem sido
não ligam pros asnos e pra eles não ligo”

- 31 celebravam festa os atenienses
às expensas públicas e Diógenes destarte
se recolheu numa esquina à parte
pra dormir tranquilo e se pôs de repente
a meditar em como chegara à má sorte
daquela situação miseravelmente
até que um rato se aproximou rente
a ele comendo os restos do seu brote
e o *niilista* voltou ao normal sem falhas
com seu olhar antiteórico de malvado realista
“até eu mantenho um pobre parasita
que se banqueteia das minhas migalhas
enquanto estou a lamuriar a vida
com tais metafísicas todas elas palhas
eu vou é beber e comer da canalha
pois lhes parasitar as sobras minha lida”
- 32 Aristipo era um filósofo rico
que vivia num conforto de excessivo luxo
tinha modos finos e sensível bucho
metido a chique achou o maior mico
Diógenes raspando o fundo do tacho
da costumeira janta de lentilhas petisco
comido na rua sem deixar um tico
no seu jeito distinto de arcaico macho
tanto que o *maurício* ligado ao *status*
passou um escracho no moral ridente
“se babasses o rei canino indigente
não carcerias te contentar cum prato
de lentilhas cardápio demasiado indecente”
porém foi replicado “ao contrário aviadado
o rei não babarias seu cabra safado
se te contentasses com lentilhas somente”

- 33 o metido Aristipo pra mostrar sua opulência
convidou Diógenes pra jantar em sua casa
entanto pra não lhe dar pé nem asa
lhe proibiu de cuspir em sua residência
alegou o anfitrião que avisava por causa
dos recintos limpos até a transparência
sem canto apropriado a nenhuma excrecência
a visita aceitou e à ceia mandou brasa
porém na despedida pigarreou profundo
e cuspiendo na cara agora assustada
do seu cicerone com sádica sacada
explicou seu ato dum jeito jucundo
“realmente onde um rico faz morada
pra cuspir só há o rosto imundo
do dono da casa por moedas moribundo
que assim não vale nem uma cagada”
- 34 o apaixonado e estribado Aristipo
de Cirene quando visitava Laís
de Corinto famosa formosa meretriz
fortuna pagava pra apenas consigo
na farra ficar a modelo e atriz
e calmo como era continuava o erudito
se lhe criticavam por pagar caro o quisto
mas o cão de coleira e casto pedigree
ao lhe relatarem o que toda praça
já sabia há tempos se enfureceu à vera
e seu escravo foi quem liberou a balela
“tua amante dá a Diógenes de graça”
e este econômico não queria aquela
com exclusividade nem se fosse cabaça
“tal meus pensamentos as putas são fumaça
em nenhuma me fixo por mais que sejam belas”

- 35 assim falou Diógenes “é o casamento
a união dum homem e duma mulher
à mercê da boa vontade do pé
que bate mas não quer e do consentimento
da outra sem sim mesmo quando quer
casar não é mister pois sempre vem o tempo
no qual quem se casa se arrepende sem jeito
quando pode desde o início não sofrer
assim não me prendo e se o querer coçar
o satisfação logo com uma punheta
ca primeira que vier ou ao bordel faço festa
mas por mim à vontade que é lei fique já
quem quiser casar e se for mãe meta
o anel no dedo do filho ou a filha vá
meter co pai pois é só modificar
o costume e será modismo na certa”
- 36 rechaçavam Diógenes por este não casar
e porque *hedonista* não possuía cerca
e pulava de puta em puta sem perca
lhe admoestavam “é bonito estar
com dona que já se deitou com recas?”
respondia “por acaso é feio navegar
num navio onde muitos viajaram ou entrar
numa casa já morada doutras bestas?”
e sequaz também do sexo a sós sua dica
“as mulheres bonitas não servem pra esposa
pois o marido fica grilado ca gostosa
com medo de ser traído o resto da vida
e sem perdão servem menos as feiosas
pois o marido fica ca ocular ferida
de ter que olhar por mais que se previna
o resto da vida pra cara da raposa”

- 37 assim falou Diógenes “existe mais prazer em comer e beber quando se está com fome e sede de se emendar a barriga nas costas e eu mesmo até com simples alface tal as aves do ar me delicio mais que a maioria ralé com doces e tortas e carnes só filé e já percebi por muito jejuar que do mesmo modo que quem acostumado com o prazer está na subserviência ao costume automático sofre se a abstinência aparece forçada por fastidioso fado quem é indiferente ao prazer se o tenta querendo o dever de provar o fadado e não ao dever de querer levado o sente demasiado e enjoa da experiência”
- 38 Diógenes dizia “as tabernas civis de Atenas ébria e fêmea equivalentes são ao refeitório militar da valente e sóbria Esparta de filhos viris ao invés dos vencidos por sexo e ventre e sonho e sendo três vezes servis sem poder co desejo baixam a cerviz sem querer o poder de ser deus e não gente” e afirmou ao ver na hospedaria muito descontente um dos ovelhuns outrora glutão pródigo de puns que apenas guloseimas e gorduras comia mas agora azeitonas jantava em azedum porque sem dinheiro mais já não podia “assim tão parcamente jamais jantarias se assim sempre fosse o teu dejejum”

- 39 assim falou Diógenes “as casas repletas de comida se enchem mais fácil de ratos assim como quem come demasiado fica doente duma gama de moléstias é um desvario com muitos cadeados trancar a dispensa enquanto desalerta o corpo com várias janelas abertas nariz sexo boca olho e ouvido ao falho pois é servo o homem dos seus mil desejos temendo contrapor os totens e tabus e quando alguém domina alguns no máximo cem e com dó eu só vejo que por motivo tem os músculos de mus ou a voz como os atletas e músicos com pejo porém pela virtude de ser nu em pelo à veraz verdade jamais fazem jus”
- 40 assim falou Diógenes “a felicidade em qualquer lugar tempo ou no eterno em superioridade ou corpo indefeso é a alma estar em serenidade não vale o ouro de Midas ou Cresos quem se aborrece com alguma vaidade importante império ou da moda detalhes não é feliz mas um desgraçado preso ao invés são os homens mais nobres e felizes os que desprezam fama prazer vida e riqueza ao unirem *práxis* e teoria na firmeza e assim estão sobre seus invéses difíceis *ostracismo* esforço morte e pobreza na original *sofia* de síntese ca *físis* enfim os subversivos como deuses firmes acima do bem e do mal na sua alteza”

- 41 desfrutava Diógenes do tonel seu habitate
assim como Xerxes de toda a Babilônia
e de qualquer fonte a água idônea
igual a Cambises só ca de Coaspé
e do manto surrado pra roupa e cama
qual Sardanapalo cas púrpuras vestes
e do seu cajado pra apoio e cassetete
como Alexandre ca lança da fama
e da sua sacola pras sobras e farelos
do modo de Creso com os seus tesouros
e o quínico por ter uns objetos poucos
tal se não tivesse e por serem singelos
decepções não traziam a ele como aos outros
quando não ganhavam ou se perdiam prélios
e destarte arrogante gargalhando ao sério
o independente era o mais feliz de todos
- 42 assim falou Diógenes “se por aí alguém diz
que sou tão feliz quanto o grande rei
não fico contente pois é quem citei
ao invés do que outros acham infeliz
embora cheio de ouro teme a escassez
o poder dos ricos e o desejo dos vis
as enfermidades e a morte a vir
das mãos cobiçosas dos parentes talvez
nem ébrio esquece os seus aperreios
porém quando sóbrio bebe pra esquecê-los
e pra esquecer dorme mas tem pesadelos
sempre preocupado morre de receio
de homens desarmados mas está sob o zelo
de gente armada e assim cheio de freios
são nada os muros de Babel e feios
os paços de Semíramis e os dourados coqueiros”

- 43 Diógenes achava muito engraçado
se pedir saúde em flatulentas festas
onde à maneira de famintas bestas
comiam e bebiam os finos convidados
e não impediu um jovem esbelta
ao qual avisara que goro seu estado
se voltasse do bródio e o garoto voltado
“eu não estou goro” ao cósmico asceta
a quem sempre era santo carnaval
no bloco do eu sozinho “mas mais gordo garrancho
do adiposo mal vieste mais ancho
suando como suíno que foste jovial
destarte já-já ganharás um bucho
típico do cível cevado animal
que te impedirá de ver o teu pau
ancião antes dos trinta molenga e murcho”
- 44 chamavam sempre Diógenes pras festas mais grandes
porém recusava por vezes sua altivez
e irônico explicava “da última vez
nem me agradeceram a presença o bastante”
numa das que estive como não convém
lhe jogaram ossos os convivas tratantes
tal se fosse cão e ele num instante
se pôs de quatro pés a mijar nos manés
e o das nuas e cruas verdades repreendia
histerias coletivas de coletar asneiras
como os simpósios pois grandes bebedeiras
e glotonarias neles ocorriam
e avisou a quem perdendo as estribeiras
suntuosas festas a fole promovia
“por tuas compras comprado és por mais-valia
e tua vida assim será bem ligeira”

- 45 Diógenes ao ver indo como vulto
à frívola festa um corado rapaz
o arresta e o arrasta ao lar dos seus maiorais
e a estes admoesta “vigiai bem este astuto”
e interpelou a um filho que desprezava o pai
“¿não te envergonhas inimputável puto
de desdenhar aquele a quem deves o luto
de te achares muito mas seres incapaz?”
e a um zeloso pai que lhe trouxe o filho
pra humilde pupilo expondo sincero
que virtuoso de alma e virtuose no melos
era aquele jovem de estrelar brilho
disse o educador ele-mesmo o elo
com o outro e o terceiro do seu eu perito
em autoanálise “então fica tranquilo
necessita de mim pra quê esse belo?”
- 46 o duro Diógenes condutor de adultos
ao assistir um jovem agredindo mordaz
ao seu *pedagogo* “¿por que coisas tais
ensinas escravo a esse dissoluto?
é muito estranho ver um incapaz
que não cuida de si mesmo nem um pouco
responsável pela educação dos outros
incompetente assim duas vezes te faz
pois se sabe que quando por mundo ou mixaria
dos outros cuidamos é de conseguinte
o nos esquecermos e ficarmos tristes
com a repressão da nossa *eleuteria*
e ainda por cima tu não conseguistes
conscientizar nada das benfeitorias
do conhecimento nesse sem alegria
pelo mal-estar da cultura a apetite”

- 47 um adolescente que se relacionava
mui dispostamente com todos os sofistas
também desejava pertencer à lista
dos contatos de Diógenes que lhe mandou às favas
“ao meu lado não venhas volúvel vigarista
sentar pra gemer senão te meto a clava”
pois não admitia uma puta ignava
como seu amigo o palhaço avalista
e a um que lhe veio querendo ser *anarco*
o cão sabendo ser ruim fazer caridade
com moral ordenou que andasse na cidade
cum pedaço de queijo embaixo do sovaco
porém no dia seguinte ao encontrar a beldade
sem a encomenda o falador de pacos
do vero mais que o emérito “¿por causa dum naco
de queijo não queres minha amizade?”
- 48 um calvo ressentido repreende muito
a Diógenes por este insultar as pessoas
e o de raciocínio rápido arrazoa
“distante de mim proferir insultos
eu sinceramente quero numa boa
é cumprimentar teu cabelo arguto
por abandonar a cuca dum inútil”
já quando o cara sem coroca coroa
de cabeça raspada esteve numa festa
lhe deram uma surra alguns dos babacas
que apenas são fortes num conjunto de vacas
mas teve sua vingança o urbano anacoreta
seus nomes e maus feitos botando numa placa
e zanzando com esta no pescoço presa
o polemista pronto pra outra empresa
exibiu os capetas à zanga da praça

- 49 ao ver o adúltero e médico Dídimos
 tratando dos olhos azuis duma menina
 Diógenes diz “ei da medicina
 vê mesmo se age duplamente lúdico
 e não contagia com tua sandia sina
 a menina dos olhos da virgem” o quínico
 algum tempo depois com seu olho clínico
 observa aquele infiel de rapina
 sendo pra prisão por outros carregado
 e avisa aos algozes o ás em trocadilhos
 e jogos de palavras “é um corrompido
 somente pelo nome podeis enforcá-lo”
 pois do acusado o nome em *aqueu* traduzido
 na traição ao luso significa algo
 como ‘dividido’ ou mesmo ‘duplicado’
 e também do ‘testículo’ um vulgar apelido
- 50 criticado Diógenes por sair dum prostíbulo
 sem dissimular disse ao intrometido
 “deveria de tua casa por acaso eu ter saído?
 mas embora tua esposa bela e tu pacífico
 eu mesmo que não bulo com fêmea do tipo
 que possui patrão pois vai que com meu pulo
 não te dá um súbito e eu vá ao patíbulo
 punheta ou sagrada prostituição prefiro
 não existe nada de mais baixo custo
 que a vida dum adúltero que a perde na labuta
 por algo do preço de dracma e não escuta
 o pansexualismo do humano impulso
 pra adular a moeda e sem culpa
 nem remorso de velho natal ou novo luto
 ir a um bordel só pra ver que em absoluto
 não difere o caro do que nada custa”

- 51 Diógenes tudo fazia em todo canto
as íntimas ações de privado acanho
em público cagava dormia tomava banho
o que a muitos gregos causava espanto
quando a comer no mercado e um tacanho
lhe recriminava rebatia no ato
“comer não é estranho nem o *fórum* portanto
se alimentar aqui não me é estranho”
ou então quando apenas indagado por outro
"por que te alimentas no pórtico indigente?"
provou o proletário sem classe experiente
“porquanto assim como os pilotos
de navios e os demais profissionais coerentes
se alimentam onde trabalham o dia todo
eu cuja atividade é encontrar tolos
como onde dou o meu expediente”
- 52 a favor Diógenes da mãe natureza
contrapunha esta a leis e convenções
e usava a razão versus as paixões
e a coragem contra o azar e as zebras
e assim discordavam suas opiniões
do decretado pela decrépita reza
e através da ascese da proba pobreza
destoavam mais ainda suas probantes ações
e chegava até a ser agredido
por suas claras punhetas o *beatnik* da gema
freudianamente fálico na pública arena
onde o privado era proibido
e se lamentava da condição helena
igual à da *xena* o sempre em perigo
“pena que esfregando meu singelo umbigo
não passe a fome que me envenena”

- 53 se lhe reclamavam a masturbação pública
muito se espantava Diógenes deveras
porque não havia um que não houvera
no *privê* satisfeito essa tara pública
e mais ainda poucos na clássica era
os que não praticavam a social siririca
a comunhão de mão de um na alheia pica
com hora marcada e fila de espera
e queria saber de tantos boçais
o porquê de nem dracmas os ricos duma figa
davam à usura das cabeças das ligas
a quem lhes esfregasse mais membros corporais
mas em compensação tradição antiga
até os mais pobres *talentos* demais
davam à falência das falanges braçais
pra esfregar seus falos uma mão amiga
- 54 batendo punheta na avenida sempre
alguém o censura e Diógenes não para
a sem-vergonhice cas mãos nas duas varas
e inconvençional a si mesmo convence
“em qualquer lugar Afrodite não rara
de graça se oferece a mim piedosamente
contrariando os poetas dos paços serventes
e babões das mulheres que a chamam de áurea
porém eu não me nego nem quero tal pena
e se todos o mesmo fizessem com sua lapa
Ílion não estava apagada do mapa
nem Príamo assassinado por causa duma helena
mas os moles helenos carentes de papa
acham que os machos precisam de fêmeas
até quando defuntos como Polixena
morta pra Aquiles que jazia sob a lápida”

- 55 assim falou Diógenes “a masturbação é um dom divino pois foi primeiramente praticada por Pã quando estava este tarado por Eco da qual não tinha a mão e vagabundeava por montes descontente vários dias e noites na dura solidão e Hermes o vidente por suja compaixão da situação do amante sem complacente ventre lhe ensinou como usar pro melhor a própria mão e o ótimo aluno ligeiro ao seu sofrimento pôs fim num outeiro esganando seu ganso e tal nunca gozou e logo os pastores seus bons companheiros aprenderam sem dores co *fauno* o humor de se satisfazer sozinho a pôr mais um dos *humores* pra fora do vezeiro”
- 56 um cidadão a Diógenes fez umas perguntas às quais o *nietzschiano* respondeu com destreza “a quê atribuis tua grande pobreza?” “ao trabalho duro de minhas ágeis juntas” “quais conselhos dás ao rico e à realeza?” “evita as ditas coisas boas senão afundas” “e por que dizes isso se elas abundam?” “porque custa caro um real que seja e um homem rico é muito mais pobre que um miserável pra se libertar e criar um criador de seu agir e pensar” “me explica como pode ser isso meu nobre?” “mas não há mistério pois uma coisa há somente e a sério que nem milhões de cobres conseguem comprar e sem lambida ou *lobby* é fácil de ter: a pobreza rapá!”

- 57 assim falou Diógenes “Zeus a Prometeu não castigou pela transmissão do fogo ao *homo sapiens* o lobo do bobo e sim pois co poder de tal saber se deu o início da moleza do engano e do roubo o primeiro não odeia nem inveja os aqueus por nenhum de seus bens que de vero são breus já que não carece de nada de todos os inventos humanos pois não foram feitos pra sabedoria e a justiça senão pro prazer e a ganância e mesmo ca criação de tantas mordomias a maioria com defeito sofre com receio do futuro o não sem prazer diante das desditas sem jeito do presente o sim portanto com efeito do segundo é justa a perpétua prisão”
- 58 Diógenes falou a quem lhe acusava de ser muito pobre “essa é excele pelo que eu saiba admoestar se deve os homens que agem de maneira ignava e não as virtudes do varão de verve pois a pobreza é virtude que salva e inclusive se ensina a si mesmo na audácia o autodidata único mas poucos se atrevem no que a filosofia nos tenta explicar pelo raciocínio cum monte de rezas invés de argumentar com ações de destreza como a pobreza obriga a praticar mas a maioria quer ser rica e despreza quem pelo bem larga tudo apesar da pobreza não ter criado um carcará e os malfeitores todos ter feito a riqueza”

- 59 assim falou Diógenes “pois é a riqueza de Tiquê o vômito e o amor ao dinheiro a grande metrópole de todos os erros os gananciosos são da desnatureza dos hidrôpicos estes o mole minério quanto mais ingerem mais sede é acesa e aqueles loucos em sua avareza quanto mais têm lucro mais querem milheiros de capital e nunca satisfeitos estão em fabricar pobres e estes vazios sacos do fado nem sacam tal o de tudo laico que a pobreza é a consumação da virtude e de vero rico é o *autárquico* pobre qual camelo corajoso qual leão e egoísta ateu anarquista então como uma criança que de tudo faz cacós”
- 60 Diógenes chamava os ridículos ricos e ignorantes de ovelhas com toção de ouro e a alguém que usava de ovino couro um belo balandrau e se gloriava disso o *franciscano* disse com veneno e soro “realmente não és um homem por isso ao te gabares tanto do valor posição de ovelha co qual teu caráter faz coro” e reclinou sem comiseração também a um poltrão rês de fantasias que se ufanava porquanto vestia um caro casaco de pele de leão “tem vergonha nessa cara de fuinha seu cabra safado e toma a decisão duma vida simples de *sim sim não não* sem desonra às vestes da viril valentia”

- 61 interrogara Diógenes a um jovem o qual ficou calado e o cão “¿acaso não crês que deve saber o mesmo alguém o que dizer e como e quando e o local e diante de quem e ao calar também?” e com áurea língua afagava no vau das situações e na ação principal mordida co poder da *parresia* ao eu amém inconveniente tanto que a lhe agredir chegaram alguns dos de preso rabo mas aconselhava a prudência dos lábios em pelo menos duplo sentido assim “se calar convém ao ressabiado sábio pro seu bem no lugar de falar pro seu fim pois calado não terá ninguém ruim a lhe perseguir mas falando vários”
- 62 Diógenes não tinha tempo pra trás pois este nada foi e seu futuro nada pois este nem será e na caminhada apenas o presente integrado ao fugaz do cosmos em caos a verdade nata falava dos bens da natureza assaz e inda mais dos males civilizacionais de covardia e medo da sociedade ingrata e louvava quem contra os cativeiros se dava ao direito da preguiça sadia quem prestes a viajar em casa jazia pra iluminado se mover grosseiro prestes a entrar na política saía pra entrar em si mesmo desprezando o poleiro prestes a estar cos donos do dinheiro os menoscabava pra ser *autarquia*

- 63 o caos Diógenes diz “o Cosmos” seu lar
quando perguntado “qual das mil cidades
de cidadão te deu a titularidade?”
e se do dessabor de não se deixar
uma descendência lhe falavam o padre
“a teimosia de pobre pra muito procriar
não temo e deixo de prole no placar
vitórias olímpicas pra posteridade”
e assim oposto ao imposto o bárbaro de barba
em qualquer das terras um nômade profano
amando a Mãe Terra e odiando o chão com amo
o apátrida plebeu contra os *eupátridas*
e em todas as raças se miscigenando
o aristocrata pra raça sem casta
pois pra inteligência vencer o sangue basta
pra tudo andar cuspendo mijando e cagando
- 64 Diógenes ele mesmo sol de lua
e a luz do mundo a cena repete
pois seu objetivo nunca que consegue
silencioso sai por ruidosas ruas
em pleno meio-dia com um farolete
a apontá-lo pra tudo menos pro que insinua
pois deste nem sombra a não ser a sua
contudo curiosos patetas há sempre
e estes perguntam ao *peripateta*
“ei qual é a tua?” e sem paradeiro
porque deus morrera o andante cavaleiro
em sua cruzada contra cruzetas e seitas
“um *super-homem* busco” e nenhum altaneiro
que lhe merecesse a *pederastia* creta
sem feminilidade de abrir a buceta
à babada ou beijo aparece ao seteiro

- 65 comumente Diógenes repetia a cena
porque suas tentativas eram sempre falhas
em parte não no todo pois serviam de palha
pro fogo que intrigava e irritava Atenas
no alvoroço da ágora soltava a gralha
“homens atenção!” e lhe atendia pequena
e silente malta pra qual falava apenas
“eu disse foi homens não disse canalhas”
porque de verdadeiro pois honrado homem
acima da *acrópole* e além dos tomos
teologais e políticos com diabruras de Momo
somente ele quem merecia o nome
por desfigurar o *nomisma* dos *nomos*
na luta agressiva de *diatribes* em tome
sátiras reativas iradas pedras-pomes
aos *sátrapas* trepeças trapaças e *homos*
- 66 no início era o ato do ateu
somente depois é que Diógenes falava
porque os efeitos das pobres palavras
diferem dos feitos inefáveis do eu
por isso que quando na praça discursava
interrompia às vezes a própria voz sem véu
e cagava ante a plateia e do céu
seu esterco precioso era uma dádiva
mas passada a urgência voltava à audiência
ca torta retórica que a ninguém ilude
e o desiluso e lúcido num dos seus sermões rudes
com moral e estilo sobre a continência
e a ponderação disse ao ouvir os sem saúde
lhe aprovarem *cínicos* em formais aparências
“que vós pereçais das piores doenças
se me contradisserdes com vossas atitudes”

- 67 a um que de filósofo se gabava e fugia
do conflito Diógenes sapecou reprimenda
“essa atitude não há quem entenda
doutor sem o melhor da sabedoria?”
e a outro que dissera seguir na sua senda
sem se interessar por filosofia
“¿então por que vives se não for pra na via
da vida honesta seres oferenda?”
e a um terceiro pertencente à grei
dos últimos homens pra ultrapassagem
que lhe perguntara “¿qual é a vantagem
de ser um filósofo pois eu mesmo não sei?”
“é simples carece nem de ter bagagem
sem na vida objetivo senão viver sua vez
a de mortos os reis e extintas as leis
continuar vivendo na mesma coragem”
- 68 Diógenes pede ligeiro depressa
e não recebendo reclama do sovina
“te peço um *óbolo* pra manter-me e não *mina*
pra matar-me obeso tal és ora essa”
e lhe questionam “¿por que pedes sofista
se Platão também sendo nem mesmo licença?”
“ele também pede mas baixa a cabeça
pra não o conhecerdes” retorque o ativista
de *matésis* e ascese unas na oposição
do bronze que aprende e não paga e seguem
“¿e por que aos deficientes muitos acedem
e poucos os que aos sábios alguma coisa dão?”
e o de crista alta sem falta de éden
“é porque cegueira surdez ou aleijão
são fáceis de terem mas jamais terão
a sabedoria e nem isso conhecem ”

- 69 Diógenes um dia pediu uma mina
a certo gastador que estranhou assaz
“¿por que me pedes tanto se com os demais
dum óbolo apenas é a tua rapina?”
e o *sátiro* pensante “é pois vezes mais
dos outros espero ganhar em minha sina
porém nem Zeus sabe se tua ânsia assassina
deixar-me-á ao menos mais um como vai”
e retornou o pródigo “tudo bem darei
mas se me convenceres com os argumentos
da filosofia” e o rabugento
de tanto amar a vida defensor se fez
do suicídio dos fúteis feitos do barrento
“deixa pra lá pois se pela sensatez
eu pudesse de algo te convencer sei
que recomendaria teu afogamento”
- 70 de vez em quando Diógenes ficava parado
em frente a um bordel gritando a mesma frase
repetidas vezes sem passar de fase
“as belas putas são mel envenenado”
dos clientes que entravam na casa da *catarse*
alguns o xingavam muito irritados
e outros jogavam pedras ou trocados
pra que o inoportuno logo se calasse
contudo o cachorro nunca se cansava
avançava em calões se mister todo o dia
ferindo a vaidade daquela freguesia
apenas parava na noite que salvava
quando conseguia a correta quantia
o soldado sem soldo e salvador sem salvas
pra entrar no puteiro e pantomimo entrava
enquanto dos que saíam satisfeito sorria

- 71 na casa de Platão havia um banquete
no qual chegou Diógenes com os pés todos sujos
em cima dos tapetes e mais dizendo ao cujo
“teu orgulho piso bicho besta duma peste”
“porém pisas o meu com o teu orgulho”
o sofista do mundo das ideias lhe rebate
mas co *tête-à-tête* o abrupto não se abate
continua co rival a fazer barulho
pra superação dialética da farsa
sem concretização pra cotidiana trilha
“¿por que atrás de jantares viajas a Sicília
e cá não os consomes de azeitonas não passas?”
e o acadêmico “como-as também lá na ilha”
e retorna o rei do mundo da prática
“¿mas se azeitonas são produzidas na Ática
então por que percorres centenas de milhas?”
- 72 comia figos secos Diógenes num beco
quando viu Platão passando na aleia
e a este “prova idiota das ideias”
e o rapace à ceia e o bufão ao boneco
“falei provar e não pulverizar baleia
quando te pedi vinho e figos secos
estes inda espero nem naco nem neco
me deste só daquele uma taça cheia
acaso dois mais dois dirias vinte em tua aula?
palavras não me bastam se sem *res extensa*
pois tu nem respondes à pergunta densa
nem dás de acordo à esmola estipulada
nem falas o que alguém sem esforço entenda
nem entendes direito o que alguém fala
e ao ignorar a forma direta e clara
criaste a criacionista escola das contendás”

- 73 Platão envia então uma enorme cesta
de figos secos cheia pra Diógenes freguês
que havia apenas lhe pedido três
e ao invés de agradecer o prêmio protesta
“e o pior é que teu filosofês
também é assim num blá-blá-blá de bosta
onde três palavras serviriam à proposta
usas umas mil sem dizer quês com quês”
e sempre o espinhoso experiente de troça
ralhava com a rosa que sem *empíria*
falava demais e somente podia
da sua única proeza ficar todo prosa
contrária à prática da versal parresia
pra falar o certo diante da força
“pois és um filósofo há tempo e com força
nunca esfolaste sequer uma guria”
- 74 afirmava Diógenes “pode a ceia sem cuia
ser de qualquer coisa pois tudo se afeita
aos primários átomos que nada rejeitam”
e chegou a comer até carne crua
o que conseguisse comia e certa feita
furtadas alfaces lavava na rua
e lhe interrompeu Platão sem aleluia
pois não se contentava com qualquer receita
o frágil de estômago de corar as faces
“ei vê se te emenda e arruma juízo
pobre esmoler se louvasses Dionísio
não precisarias estar lavando alfaces”
mas o *perspectivista* do avesso deu o aviso
ao voador “te enganas se terrestre as lavasses
tu não o babarias escravo de classe
serias são e teu dono iria ao prejuízo”

- 75 uma vez Platão perguntou “és eu?”
e Diógenes sem dúvidas lhe devolveu “não sou”
e o primeiro animado então continuou
“e eu sou um homem?” e lhe respondeu
o segundo “és sim” pra ajudar no show
mas já desconfiado como bom incréu
da conversa fiada e o outro arremeteu
“assim não és homem está claro tal sol”
e por último o primo entre os impares
falou particular sem universais gritas
“no meu crisol claro está ser mentira
porquanto tua lógica como sempre esgares
não condiz ca prática que na vida se mira
servindo em fóruns igrejas ou bares
contudo se comigo a conta começares
a proposição será veredita”
- 76 certa vez Diógenes estava impassível
imóvel embaixo dum torrencial toró
e Platão notando as pessoas ao redor
se compadecendo advertiu em tom cível
“se quiserdes ter compaixão por favor
da sua vaidade ide o mais longe possível
é somente um Sócrates louco e desprezível”
e logo depois que a chuva passou
o seco ao encharcado de *nonsense* lato
“¿qual tua opinião sobre retardado e xucro
o desprezador de prazeres e lucros
que foi meu mentor e agora finado?”
e o *mainomenos* maior que Sócrates de trucos
“só mais um maluco submisso ao estado
demasiado vaidoso de seu pequeno quarto
de cama e sandálias o velho caduco”

- 77 Platão “de filósofo te titulam e estulto
não sabes de nada” e Diógenes avia
“apenas desejar a sabedoria
é filosofar porém não te culpo”
e o rival doutor em toda teoria
“podes presunçoso me encher de apupos
porém não alivias o que não desculpo
seres ignorante em geometria”
“nada alivio por favor não apeles
os mínimos detalhes eu quero mostrar
a generalizar do osso a esfarelar
sem esconder nenhuma das inúteis peles
quanto mais essa que não pode ajudar
em nada pra se ser um homem que inspire
já que Quiron não a ensinou a Aquiles
e assim me é lícito tal assunto ignorar”
- 78 discorria o doutor “embora muitas taças
de vários modelos existam na terra
há apenas uma ideal e verdadeira
e esta precede a existência das falsas”
quando interveio Diógenes “não vejo tua besteira
só(mente) a taça” e aquele a cabeça
se apontando disse “tens olhos à beça
pras formas mas não mente pra ideia inteira”
e a examinar a taça o decente “está vazia?”
respondeu o docente “está sim e daí?”
e seguiu o diálogo provocativo assim
“e o vazio que o precede onde estaria?”
e como Platão não balbuciou um i
lhe tocando a cabeça o capitular guia
concluiu perturbando o senso da teoria
“o grande vazio está bem aqui”

- 79 Platão a Diógenes *monista* imanente
chamou pra comer figos e o negativo
em filosofia e afirmativo
em si duvidou “seria excelente
se teu não-fictício não fosse fictício”
e o *transcendentalista* pra provar impotente
os figos verdadeiros do naturista a este
não deu de comer cos falseados figos
pois o idealista pra explicar sem verdade
as coisas mais simples falava assaz
como no episódio da taça sem ter trás
utilizando termos como *tacidade*
pra se referir a essência das reais
sem coadunar com a realidade
em preleções chamadas de “perdições” por blague
do cão na Academia do “não acaba mais”
- 80 Platão a palestrar se mete a sensato
e como Diógenes pouca atenção
lhe dá o professor lhe passa um carão
“vê se te ajeita para e sê pacato
és mesmo um cachorro sem consideração”
entanto o indômito não deixa barato
“tens toda razão pois voltei ao báratro
de quem me vendeu por um patacão”
lembrando destarte que aos donos primeiros
os cães sempre retornam e o *ombrudo* a Siracusa
voltou mesmo após sua venda avulsa
a trinta dinheiros por Dionísio Primeiro
e o desmascarador ainda mais lhe acusa
sempre inspirado no bojo dos sinceros
“e eu sou dos louvados e alteados perdigueiros
mas à caça comigo mesmo tu recusas”

- 81 Diógenes curioso ao ver Platão pergunta
 “por acaso são leis o que estás escrevendo?”
 “são sim” orgulhoso o rival reverendo
 “¿mas e umas folhas com fama de fundas
 por nome Politeia como um compêndio
 já não compusestes ou faço barafunda?”
 “compus sim” cismado o formal sem funda
 “¿e não havia leis nelas pra famílias e feudos
 como as dos poetas que mentem demais
 tal se fossem o Fado com mitos em sua frota?”
 “havia sim” irritado o da teoria idiota
 e por não querer das formas as ideais
 mas a existencialista natureza das coisas
 algo não encaixa na cachola do ás
 “¿então me explica por que tu estás
 a escrever novas se leis eram as outras?
- 82 em sua academia arrodado de alunos
 do homem em geral o doutor ensinava
 afirmando convicto que aquele não passava
 dum “bípede sem plumas” pras palmas do turno
 o realista Diógenes mesmo sem ser grave
 escutou calado mas com um ar soturno
 e foi de fininho ao fórum e por furto
 um galo goelou e desplumada a ave
 retornou à aula e jogou sua questão
 na roda com o riso que tudo arrosta
 menos a verdade “vejam só que bosta
 aí está o homem do divino Platão”
 e depois deste evento sem haver resposta
 praquela desperta e livre associação
 se acrescentou à definição
 do que é ser humano “de unhas *plataformas*”

- 83 vieram a Atenas alguns estrangeiros metidos no turismo filosófico e humano e dos dois mais grandes intelectuais do ano um Platão morrera então foram ligeiro ao outro Diógenes da *entelequia* do ânus e a este “¿conheces do muito palavrório do finado filósofo algum reservatório?” e o vivo *biófilo* saindo pelo cano pra mostrá-los quão enorme sua saudade de quem só falava sem fazer sua doutrina quanto mais a prática de esperma merda e urina os levou ao lixão fora da cidade e lhes apontando a enorme latrina futuro de ilusões explodiu seu traque “eis vosso doutor da irreabilidade e tudo quanto dele a natureza ensina”
- 84 o deformador Diógenes como sempre foda mais que epistemológico literário era em menosprezar da mesma maneira seus demais coetâneos tão castos carolas como o travesti Euclides de Megara do qual o canino descolado em escolhas da gaia ciência da vida chamava a escola de “escória” pela cólera de sua falida fala e a Eudóxio carmelita do *erístico* error que se preocupava em provar mentiras no discurso mais que a verdade na vida acunhando alcunhou de “o camelo maior” pois dizia o de sim a si que não hesita e de não ao *mainstream* duvidoso estupor “um só pensamento original é maior que mil citações de memória erudita”

- 85 quando no caminho da Lacedemônia
pra Ática a Diógenes de hábito inquiriam
de qual terra *argiva* vinha e a qual iria
o viajor não fazia a menor cerimônia
“eu venho dos viris sem democracia
e volto pras fêmeas de falinha fanha”
e porque elogiava por falta de banha
aos espartanos duros até de alegria
era recriminado pelos atenienses
mais preocupados com o estar estético
“¿e por que então safardana cético
não te mudas logo pra pátria das patentes?”
e a isso respondia “como um bom médico
preciso ficar onde estão os doentes
leprosos cegos mudos loucos e não entre
os saudáveis porque só assim sou ético”
- 86 assim falou Diógenes “os homens da mamata
por astúcia molengas vivem pior que as feras
que bebem só água e comem só ervas
andam nuas e fogo não usam pra nada
não possuem casa e o tempo que reserva
a natureza vivem se ninguém as mata
e de médico firmes e fortes não têm falta
já aqueles flébeis com medo da selva
selvagem desejam viver muito ainda
que saibam que a velhos não vão os viventes
em sua maioria e cheios de doenças quase sempre
não serão curados nem pela medicina
nem por sacerdote ou adivinho indecente
que usam o desespero da esperançosa sina
mas mesmo se curados nem valem a vacina
por serem imbecis e maus os pacientes”

- 87 Diógenes viajou pra comparar as raças
todas sem razão em quebrar a alheia telha
em Megara glosou por ter visto ovelhas
vestidas com mantas e crianças descalças
“mais vantagem ser ovina vitela
que filho de gente nesta aldeia desgraça”
e sobre os citadinos que a pratos e taças
festejavam por lá sem nenhuma cautela
como se morressem na manhã quente
e construía na areia movediça com fé
como se jamais fossem falecer
o sábio acrescentou ao passar imponente
soberano espírito por seus muros sem ser
“¿será que não sabem não ser o cogente
a altura das muralhas mas sim a das gentes
com bravura que nelas subam pra morrer?”
- 88 Diógenes viu em solenidade
na cidade de Rodes afetados jovens
com vários enfeites maquiagens e robes
e afirmou com firmeza “homens de vaidade”
e por Lacedemônia o nu vim nu vou-me
ao observar com roupas rudes uns rapazes
por causa da friagem “alguma dignidade
mas ainda vaidosos tal tipo de homem”
o cítrico crítico elogiava raro
com razão só de louco a loucura gosta
no máximo quando lhe queriam a resposta
de se já encontrara algum homem honrado
em toda Magna Grécia dizia a já gasta
com sua autocerteza de bem-humorado
“além de mim nenhum apenas me agrado
de uns bons meninos pras bandas de Esparta”

- 89 escutando a rareza de um espartano
recitar algum verso e mais o de Hesíodo
“se um boi teu morrer suspeita do vizinho”
sobre as agruras do agrário ensinando
lhe informa Diógenes dum acontecido
“os modestos Messênios com seus bois e planos
eram teus vizinhos há uns poucos anos
e prosaicamente foram destruídos”
e se indaga em Mindo ao ver a jactância
do bando de víboras paradas por vias tortas
daquela cidadela de enormes portas
“¿será que não notam os natos desta *lândia*
que fica mais curta a sua vila torta?”
e já de saída sempre em marcha sem banda
avisa aos habitantes “cuidado cambada!
senão a vila pelos portões se deporta”
- 90 nas peregrinações em busca do honrado
topava sempre Diógenes co irracional
coisas bem curiosas como a inscrição tal
que um mau em sua casa havia colocado
“que aqui não entre nunca nenhum mal”
a qual lhe deixou muito impressionado
e o fodão sem ideia fixa intrigado
“mas como entrará o dono do local?”
e em movimento no terrestre plano
continuando firme na entelequia de bagos
ao avistar aviso de venda e o vago
na casa dum alcoólatra gastador insano
achou natural e disse “bem pago
apenas te restava vomitar teu amo
pois eu já sabia que nem mais um ano
aguentarias após tamanho estrago”

- 91 um belo garoto de programa *eromenos*
veio feliz da vida mostrar um punhal
que ganhara por mais que *interfemural*
de seu macho *erastes* aristocrata pleno
a Diógenes e este “vou ser imparcial
de cabo a rabo o artefato vendo
o cabo é belo contudo eu temo
que o rabo esteja pra lá do Nepal”
e ferido se foi com a vergonha feia
por entre as pernas o peralta novel
do local de locas o porto Pireu
mas seus fãs sem-vergonha vendo só a teia
de sua formosura instaram ao lebréu
que em todos os vícios violento dava peia
“de onde é o moço?” e a resposta “Tegeia”
cidade cujo nome quer dizer ‘bordel’
- 92 em ida e volta Diógenes escrevia seu canto
e numa das linhas pra Atenas encontrara
um homem soturno na rota contrária
e o destino deste foi já perguntando
e o peregrino disse “pra Corinto cara
mas antes ia pra Delfos ouvir o orago quando
meu escravo fugiu e mudei de planos
pra tentar achá-lo lá pelas tuas áreas”
“¿mas sem saber usar um escravo como
usarias um deus e por que procuras
o servo servia ou teu ônus sua usura?”
“era um indolente e eu um bom dono”
“se ele não prestava pra tu menos rugas
mas se bom fosses ele seria bom mordomo
e não te deixaria nesse abandono
assim por acertada tenho a sua fuga”

- 93 “mas agora o que faço sem o meu escravo”
 continuou o canalha e Diógenes “nada
 se tu te livraste dum escravo cilada
 não tem menor lógica logística buscá-lo
 viajando a gastar tempo moedas e estradas
 é como caçar um cancro já curado”
 “entanto é difícil não ligar pro estrago
 o servo ingrato na moda andava
 e não ralava duro como os demais
 me acompanhava tal se meu guri”
 e avesso aos fumos falou o forti
 “destarte é como eu disse atrás
 tu és o culpado por deixá-lo por aí
 na ociosidade sem dar-lhe os ais
 porque a vadiagem arruína os boçais
 mas ele mostrando razão fugiu de ti”
- 94 assim falou Diógenes “deve agradecer
 aquele que acaba sem um mau criado
 pois é como quando um sapato apertado
 que causava calos se perde do pé
 mas tem gente que quando fica sem escravos
 se desespera mais que a pobre ralé
 invés de ficar na boa sem nada a fazer
 sem preocupações de alimentá-los
 de curá-los quando se encontram doentes
 de vigiá-los sempre pra que não roubem nunca
 sem isso viveria sem dores na nuca
 sem facilidades e independente
 mas é o escravista pois não sabe bulhufas
 nem consegue viver co mínimo bastante
 uma centopeia de nome não obstante
 mais lenta que a cobra sem pata nenhuma”

- 95 Demóstenes mil dracmas ofertou convicto
pra transar ca célebre *hetaira* Laís
de Hicara antes até do *vis-à-vis*
depois deu dez mil tal era o belo mito
e nem se irritou com o diz que diz
que a diva dava de graça a um mendigo
mas puto quando a mestra do ofício mais antigo
com saudades do velho que mantinha o verniz
mandou avisar por seu estafeta
que visitaria Diógenes e este na hora
se antecipando pra manter a honra
de sexual soberano bateu uma punheta
e ela chegando foi mandada embora
pelo ultrarromântico que se saiu com esta
“a minha mão já tocou na corneta
a marcha nupcial formosa senhora”
- 96 chegou em Atenas um fã forasteiro
que conhecendo a fama de grande orador
do farol Demóstenes infrene adentrou
a *polis* pra poder o mais depressa vê-lo
portanto ao primeiro com quem se deparou
procurou saber onde achar o faroleiro
e Diógenes lhe disse com dicção de pregoeiro
e o dedo médio pro alvo que anegrou
“eis o demagogo condutor dos corpos
e almas atenienses” mas o gringo não creu
pelo escandaloso comportamento seu
“meu interlocutor deve ser um louco”
e o informante objetou “¿será que sou sandeu
por causa dum dedo se nem o pessoal toco
por acaso ou medo se apontasse o foco
com o indicador sábio seria eu?”

- 97 em certa ocasião ao entrar numa taberna
Diógenes vê Demóstenes comendo
e logo saindo do estabelecimento
pra não enfrentar a lúcida lanterna
mas o *epicúreo* ladra seu descontentamento
“foge porém saibas embora uma pena
o que és comilão ficará em cena
ao menos por mais alguns flatos momentos”
e noutra a comer o cão numa bodega
convida pro almoço ao mesmo *demagogo*
o enorme espírito de pesar do globo
e o gago nem liga mas o galgo entrega
“¿achas baixo o bar mas como se teus donos
comem cá?” pois era como é a regra
ladrões eloquentes da justiça cega
os tribunos serem serviçais do povo
- 98 censurava Diógenes o sincero aos retóricos
de três vezes homens lhes intitulado
pra sinalizar que mestres do engano
três vezes vis eram com seus jogos gramáticos
e assim comparava o estômago humano
à ninfa Caríbdis da vida o báratro
e um pronunciamento sedutor barato
a um laço de força com mel lhe fiando
e às vezes depois dos discursos flores
estirava a língua de fezes aos do estado
sacerdotes milicos aedos advogados
filósofos políticos os babões oradores
cagava no palco pra recriminá-los
pois melhor que o cu quínico não há pros senhores
que discorrem água dos melhores valores
sem mostrar um sólido indício em seus atos

- 99 como de costume Diógenes faz
de lentilhas seu almoço no agitado fórum
quando a audiência a constituir quórum
começa a chamar de cachorro o audaz
que calmamente assim contrapõe o coro
“mais que eu cães sois vós que me arroteais
enquanto eu como” e a chusma quer mais
“cuidado que o canino vos arranca o couro”
“não vos preocupeis como cão não ligo
pra beterrabas e eu mais que os outros pois
um grão de mostarda mostrando contra e prós
não mordo apenas os meus inimigos
pra não me apanharem com seus sociais nós
mas principalmente mordo os meus amigos
com fermento ao pão da vida mais que trigo
pra salvá-los e vós nem uns nem outros sois”
- 100 Diógenes comia azeitonas quando
alterou seu plano ao ganhar uma torta
jogou aquelas fora e a esta abriu a porta
citando Homero o grande veterano
“escravos cedei vosso lugar é a norma
acelerado bora pois chegou o tirano”
mas foi interrompido por um interrogando
“e os sábios comem torta não faz mal à aorta?”
“como qualquer outro e o excesso é que tora”
respondeu o altivo autônomo sem eira
nem beira frugal tal se fosse freira
ao entrevistador que continuou na cola
“então a que horas devemos comê-las?”
e o onívoro livre pois cômico das escolhas
“se és rico quando quiseres ora bolas
mas se pobre quando puderes nem cheira”

- 101 Diógenes ao entrar na taberna viu um homem jogando apostado a vinho e asseverou “quanto mais ganhares vizinho mais tanto perderás aos teus dois senhorios” e sendo convidado a tomar um golinho “traz pra cá o cálice pois eu não me vicio” e um dos presentes assim lhe inquiriu “e gostam de vinho os sábios santinhos?” “como qualquer um pelado de duas pernas” “e qual tu preferes?” “em copas novinhas ao velho alheio mais que ambrosia” e lhe abonaram com taças *falernas* entanto enquanto o bode bebia lhe recriminaram por beber na taberna ao que contrapôs sem fazer baderna “e corto cabelo em barbearias”
- 102 Diógenes mangava de quem ao invés de beber assim que desse sede e grátis das fontes naturais limpas à vontade aumentava a carência perdendo tempo e réis nas tabernas com vinho das sociedades de Lesbos ou Quios “é pior que as greis das quais os animais se sedentos se veem e passam por um riacho à saciedade bebem logo e comem dos bastos pastos ganhos da mãe natureza sem vícios no seu viço e não passam fome mas os pelados símios mesmo agricultores enfrentam acanhos e o pior é milhões morarem em cortiços pra não receber ultrajes de estranhos e fazerem entre si males tamanhos como se tivessem se reunido pra isso”

- 103 assim falou Diógenes “eu nada possuo e nada me falta porque a mim eu me basta e possuído de vaidade por teus porcos de espírito ou pérolas não sou ¿por acaso me viste culpar homem ou deus por alguma coisa seja cona ou cu desviar do reto seja norte ou sul reclamar de algo que me aconteceu ou mal-humorado por querer e não ter? eu vim vi e venci pelo autoamor ¿por acaso não enfrento o teu temor com um riso no rosto e quem ao me ver por acaso não vê de si mesmo o senhor que endemoninhado de *endenomia* se crê? e sou assim porque os deuses do querer estão em todo canto e em qualquer parte eu sou”
- 104 um barqueiro à outra margem de um rio atravessou Diógenes que só não poderia andar sobre as águas e sem dinheiro ria em como agradecer ao homem gentil que mesmo sem sim ou não da ninharia apressado partiu logo quando viu a precisar de barco e braço varonil um outro pra urgente fazer a travessia e ao voltar ouviu do autodidata com o *superego* em constante crivo mais que corretivo um constatante alívio “ufa! ainda bem que não te devo nada pois são automáticas tuas atitudes símio domado pelo *id* das idiotas manadas mesmo se pro bem são é impensadas ao invés de virtude um puta dum vício”

- 105 Diógenes rebelde à técnica e agente
sem método da crítica pra dar justo valor
aos profissionais gostava por amor
à arte de ater-se aos serviços correntes
portanto perguntou ao culpado pintor
ao ver dois centauros pintados porcamente
“qual deles é Quiron?” nome injustamente
do famoso centauro que significa ‘pior’
e um dia assistindo o treinamento duro
dum péssimo arqueiro se sentou quietin
ao lado do alvo falando “agora sim!
aqui me encontro com certeza seguro”
já a um garoto amador em si
que jogava pedras numa cruz conjuro
pra execuções “assim ou assado miúdo
um dia acabarás atingindo teu fim”
- 106 Diógenes gostava de ouvir os deslizes
dos falazes filósofos pra lhes pisar os calos
com sua lógica prática e também xingá-los
de charlatões falsos profetas e patifes
um dos quais provava sem experienciá-los
que o contra conceitos possuía enes chifres
apenas com este silogismo pífiio
“não perdeste tu o que tens é claro
e como não perdeste chifres os possuis”
e o nominalista apenas por gostar
de demonstrar mais com gestos pra gozar
que com termos a testa se tocou com jus
e disse duvidoso “¿mas em que lugar
meu caro cavalo?” e sua vontade *sui
generis* só no raso desmanchou com luz
a profundez sombria e frouxa do escolar

- 107 o incorrigível Diógenes das matérias a par
empreendeu uma dúvida sistêmica aos sistemas
porque pra ser quínico que as carnes queima
mais que o conhecimento de livro pra lavar
se precisa ser livre pra conhecer os temas
e desconstruir os dogmas e desestruturar
as gordas doutrinas pra tanto a gargalhar
dos obesos cérebros não possuía pena
e a um que falava dos eventos celestes
o sábio por sua própria vontade de ilustrar
com toda segurança só fez perguntar
“há quantas semanas dos céus tu vieste?”
e quando um segundo negava pois gagá
que havia movimento fez o cafajeste
usando o corpo como arma de teste
um mínimo chiste: começou a andar
- 108 um complexo mapa de estrelas e planetas
errado astrônomo mostra no mercado
e esclarece convicto dos seus divinos dados
“as estrelas errantes estão cá à direita”
e Diógenes *goliardo* co dedo apontado
pra plateia assim interrompe e contesta
“estes é que são os errantes patetas”
e o até então incontestado irritado
“deixa de ignorância e não te intrometes
no que nada sabes ¿por acaso conheces
do céu alguma coisa?” e em busca sem estresse
do sentido da terra responde o terrestre
como sempre quando questão dessa espécie
“é óbvio que não e de leste a oeste
quero ir além mas só falo com teste
nunca fui lá seja aonde for esse”

- 109 assim falou Diógenes “a verdade é
acrimoniosa e desagradável
pros irresponsáveis enquanto suave
e doce a mentira sem cabeça nem pé
da mesma maneira que aos enfermos graves
da vista a luz dói como o quê
e não obstante estes não podendo ver
a escuridão lhes é deleitável
por isso do mesmo modo que os remédios
que muito amargam são adocicados
com mel pra aceitação dos adoentados
pelos mais espertos e cuidadosos médicos
os sátiros sábios assaz bem humorados
ainda que mascavos com duros ditérios
antiescolásticos adoçam os mais sérios
dos ensinamentos pra se ser honrado”
- 110 assim falou Diógenes “sem menor cerimônia
falo com qualquer um e com um qualquer
com o rei dos persas seja quem quiser
ou com Arquidamo da Lacedemônia
porque não necessito dum centavo sequer
e o mundo inteiro é meu e me abona
com todas as coisas profundas e à tona
que pra mim são nada ao meu bel-prazer
ou fel pois isto não me significa um triz
e é o que me torna livre de espírito
adepto de nada senão de quem hei sido
e consequentemente muito mais feliz
que aqueles pois sem livre-arbítrio
apto estou pra toda intempérie e assim
os mil objetos são abjetos a mim
e as carências são leves pelo exercício”

- 111 Diógenes enviou uma carta ao Xá da Pérsia sabendo que este Artarxerxes cobiçava Atenas “aos atenienses mais que aos peixes não podes escravizar se tomares a polis fugirão num *flash* os seus cidadãos e se os capturar conseguires eles morrerão sem ar como é a praxe dos fígados peixes portanto nos deixa e recua teus postos pra quê preparativos se serão de balde? somos existências resistentes a grades e saibas que estamos todos mui dispostos a exercer o único modo de verdade de se ter liberdade além de qualquer gosto autodeterminados sem susto do encosto estamos preparados pra morrer em combate”
- 112 o *sofos* Espeusipo do acadêmico bando sobrinho de Platão estava parálitico depois duma trombose e safo pedindo ao amigo Xenócrates pra assumir o comando da academia foi de pronto atendido e xerife chegava a Atenas quando ao entrar na cidade meio cambaleando mesmo num veículo por outros dirigido reconheceu Diógenes de fleuma e desdém e a este saúda “passar bem” e com essa se saiu o insolente sem demora nem pressa “e já não passas bem nas mãos de alguém tuas saudações desprezo pois tuas ações oprimidas não as me dirijas mais dirigível ninguém se estás satisfeito em viver varei! de uma maneira miserável dessas”

- 113 quis saber de Diógenes um certo alguém
 por que ele era conhecido por galgo
 “é porque eu afago e abano o rabo
 àqueles que dão e me tratam bem
 várias vezes ladro até irem ao diabo
 àqueles que não nem um só vintém
 e daqueles maus que é só o que tem
 eu corro atrás e os mordo e os rasgo”
 e o curioso seguiu co interrogatório
 “e qual a tua raça canino sem leis?”
 e o da raça dos únicos tal ele ninguém
 “se estou faminto por causa do propósito
 um bem adestrado e manso maltês
 porém me transformo num feroz molósico
 se estou satisfeito e assim sempre móvel
 nas minhas ações dependo do freguês”
- 114 de Egina Onisicrito a Atenas envia
 seu filho Androstenes que fica pra estudar
 a poética de Diógenes e os mistérios do olhar
 sem ver matemática de sua filosofia
 o pai preocupado sem saber um a
 do primeiro manda o segundo pra espia
 mas Felisco ao ver que enigmas não havia
 pra junto do irmão resolve se mudar
 sem notícia nenhuma dos únicos herdeiros
 o patrimonioso parte pessoalmente
 pra poluída metrópole de espíritas doentes
 em busca aperreada do filial paradeiro
 e chegando lá os três ficam contentes
 pois a razão que fez os dois faz o terceiro
 permanecer aluno de quem encenqueiro
 sem ensinar ensina a ampliar a mente

- 115 Lisias o farmacêutico inquiriu se nos deuses Diógenes cria e o adapto a todo meio assim confessou “¿como que não creio se eu te conheço por inimigo deles? e só podés ser um parto tão feio assim como estás esquecido por eles eu não ser adepto do partido deles de aperrear os divos é o teu receio eu não ser como tu e os demais que oram pedindo o que parece e não o que de fato pros homens é bom de nó em si sem laços que se homens são nem aos numes choram os deuses nos deram a vida de ócio na livre fruição do mole que não dura entanto a escondem daqueles que procuram as facilidades e doçuras do beócio”
- 116 a Diógenes diziam alguns atenienses pra ter interesse em ser dos iniciados pois estes presidiam o almejado lado de lá pra onde os numes levam a sua messe mas retrucava o *agnóstico* “¿como se no lodo eu vejo os grandes de flores a fezes feito Epaminondas e Ergesilau? pois preces não livram ninguém do enorme vos fodo comigo não cola conversa de vestais se o céu não for dentro de nós está errado um medíocre nem morto por ser iniciado terá seu lugar em ilha de imortais mas o homem honesto por si só é honrado no ocaso dos ídolos sua aurora pois se faz a imagem dos deuses sem essa de rituais e aos tais juntar-se-á na hora do chamado”

- 117 Diógenes usava os bálsamos bentos
 nos pés ao invés de como o costume
 na cabeça e dava seu novo perfume
 o que falar ao povo e o seu argumento
 “na cabeça o vento os leva e consome
 mas nos pés eleva ao nariz o unguento”
 e também com óleos pro avivamento
 da pele untava o corpo o homem
 que chamava a atenção da curiosa audiência
 pois era legião mesmo sendo ilha
 o ancião com vigor maior que uma pilha
 de efebos e a um destes que odorava a cabeça
 o autarca de indiretas de graça deu a dica
 pois té quem não pedia recebia a bença
 “cuidado pro bom aroma da cabeça
 não acarretar catíngia à tua vida”
- 118 um supersticioso ameaçou “cum murro
 quebrarei tua cabeça” e Diógenes de pronto
 “e eu te farei estremecer todo
 a escarrar da narina sinistra seu burro”
 aludindo assim ao péssimo agouro
 que diziam trazer tal espirro o cachorro
 que noutra momento deu o maior esporro
 ao ver numa aspensão ritual um outro
 “¿não sabes inepto que isso não serve
 nem pra te corrigir os erros de gramática
 esta ideia fixa de fetichista táctica
 com os quais tu enrolas tua já coxa verve?
 quem dirá pra mudar tua aleijada prática
 de vícios repleta que a nada faz greve
 se não te revoltas se não te atreves
 a te livrar dessas credíncias apáticas”

- 119 a sair dos afazeres de não fazer nada
pra espanto da polis se dá um dia ao léu
a ida de Diógenes ao Olimpeion de Zeus
antes só usado pra cagar na entrada
e dentro de cara de cu pros olhos seus
uma moça a orar que é indagada
“não temes por deus seres estuprada?”
e a sua resposta “infiel ímpio ateu!”
e já se defendendo da fanática guerra
o utópico contra a revolução
“calma camaradas pois vim pra adoração
pro meu grande holocausto aos deuses da terra”
e solenemente levanta as mãos
o rebelde sem causa senão o eu que não erra
e entre as unhas dos polegares berra
a esmagar sua pulga de estimação
- 120 quando um carola lhe criticara mal
por ser extravagante com seus exercícios
Diógenes falou “se fosse errado isso
além é evidente de tão tradicional
não vogaria ser extravagantíssimo
o dionisíaco divino festival”
e se admirou quando em turismo mental
pela Samotrácia no tempo dos remissos
encontrou alguém pasmo co montante
de oferendas votivas vôte! de manada
de todos os cantos por graças alcançadas
àquela região de religião mercante
e disse o dialético materialista em salva
“abismado eu estaria porque num instante
centuplicariam as doações se os votantes
fossem as pessoas crivelmente não salvas”

- 121 Diógenes ele-mesmo o bom pastor
se não odiasse o instinto de rebanho
e principalmente suas ações e ganhos
ao observar um lobo em pleno labor
devorando um carneiro e os pastores tacanhos
calmos só olhando lhes assegurou
“se fosse eu ia se fazer o maior
dos escarcéus da terra medrosos sem tamanho”
já quando alguém se espantou evidente
ao ver uma cobra em volta dum vaso
o quínico de corpo clarividente aos azos
sagaz semelhante a uma serpente
e simples como uma pomba disse “caso
na minha frente um vaso enroladamente
numa cobra em reta eu visse de repente
me espantaria mas isso aí é raso”
- 122 Diógenes achava que mais que na *ars*
a *mimese* levava ao auge na vida
pela imitação do exemplo que ensina
e que as encenações ao libertino ar
das festas dionisíacas eram maravilhas
pra tolos e entrava no semicircular
Teatro de Dioniso quando estava já
a peça terminada e a saírem em fila
os espectadores estúpidos em verso
de poesia e prosa de ciência na horda
de balbúrdia bambos tal se numa corda
e quando um deles a estranhar o inverso
do desfigurador da moeda ao foda
“o que estás fazendo?” e o bardo controverso
vagabundo do espírito e egoísta confesso
“o que venho fazendo minha vida toda”

- 123 Diógenes andava de ré sob o pórtico
e mangaram dele e o chamaram demente
e lhes objetou o anormal normalmente
tal quem não quer nada “mas eu não sou louco
apenas é minha cabeça diferente
das vossas e os pés também e se os corpos
de vós outros suas almas arrastassem logo
perante um tribunal direito facilmente
seriam condenadas por má direção
porque vós andais a vida inteira
pra trás praticando as maiores asneiras
e ninguém diz nada ¿e vindes em vão
me culpar só por esse passeio da nova era
eu carona do cosmo e na condução
de mim? vos digo antes da crucificação
tudo é vaidade e vós a vergonha”
- 124 perguntado Diógenes se havia algum deus
“nenhum eu conheço apesar das odes
mas deveria haver só deuses na polis
porque é privilégio deles penso eu
de nada carecer porque tudo podem
e de quem parece com eles é céu
de pouco precisar” o rico respondeu
com riso e também “é o honesto homem
a imagem dos deuses” e o atômico pra isso
mijava livremente na academia dos nós
o desaprender seu ofício foi
a pobreza primeiro o teste mais difícil
e com tal poder aprender depois
pra do nada criar novos artifícios
mas somente saberes que não fizessem físsil
seu corpo e alma de deus entre bois

- 125 quando ia ao templo e pra sacaneá-lo
os cretinos crentes lhe davam pão sujo
o jogava Diógenes e aos ditos cujos
lembrava uns lemas do local sagrado
“no templo não pode entrar nada impuro
e as coisas santas devem ser pros cães é claro”
se referindo a si mas os outros ignaros
não lhe compreendiam a graça do obscuro
e no bairro Cerâmico por trampo e tradição
dos artistas do barro pra exemplar escarninho
de um com vergonha de apanhar limpinho
um pedaço de pão que caíra no chão
lhe tomou a garrafa de vermelho vinho
pra ver se arrumava também confusão
amarrou no gargalo dela um cordão
e a saiu arrastando pelo piso todinho
- 126 assim falou Diógenes “diziam ser Heracles
um desventurado porque em aventuras
se esforçava e embora praticasse as mais duras
e grandes façanhas em vida os basbaques
davam mais valor a hetairas loiras burras
a moluscos de músculos e milionários ratos
mas morto é o cara que até eu mais destaco
pois socorria os bons e dava sepultura
aos maus que agora lhe pedem pra não ser
dos desventurados mas não se esforçam
como o semideus que a Busíris glutão
e atleta ao chão jogou fácil de fazer
matou o rico cheio de capangas Gerião
e tirou o cinturão de Hipólita michê
e amazona que mesmo com todo seu quê
e beleza vencê-lo não conseguiu não”

- 127 Diógenes entrou no templo do guerreiro
Heracles e seu ídolo pegando expôs
“agora irás me servir meu herói
como a Euristeu teu décimo terceiro
e último trabalho realizando pois
cozinharás minhas lentilhas mais ligeiro”
e jogou o boneco na lenha em braseiro
e se fez o fogão divino em sóis
e emendou “a este teu simulacro o mesmo
que ocorreu ao teu simulacro remoto
na pira eutanásica o fim de todo corpo
por si próprio querendo o eterno termo
quem sabe a um ou a ambos não encontro
por Tanatos e Eros o segredo de sermos
o suicida no Hades ou o assassino à esmo
no Olimpo pra zombar de ti e do outro”
- 128 Diógenes ele-mesmo de manares
a vera videira em um dos seus voos
sozinho à caça e também coletor
ecologicamente sustentando os azares
quando colhia figos um guarda lhe avisou
“adoecerás se te alimentares
estão contaminados porque nessa árvore
um homem há pouco tempo se enforcou”
“não te preocupes pois sou santo e lasco
com meus dentes tais crendices sem esforço
os ramos muito tempo ficarão frondosos
e purgarei os frutos oposto aos carrascos
do mercado furtos que te esvaziam os bolsos
e os daquelas árvores que nascem em penhascos
dos quais apenas corvos e abutres tiram tascos
pois são assim como os voluptuosos”

- 129 Diógenes de humor negro até sob neve
ao ver uma mulher sendo arrastada
pela correnteza profere e dá risada
“deixai que ao mal o mal mesmo leve”
e também quando outra sendo carregada
numa carruagem pequena disfere
democritianamente sem olhar a quem fere
“à fera não é proporcional a jaula”
e mais duro ainda ao ver de relance
mulheres penduradas por enforcamento
numa oliveira é seu julgamento
“ah se todo fruto fosse dessa classe”
e quando deu de cara com um monumento
baixinha e bela perdeu-ganhou a chance
“dos males o menor mas deste mal grande
embora bem miúdo sem receio me isento”
- 130 abordado pelos sacerdotes de Reia
que doação lhe pediram pro divino culto
Diógenes inculto e alheio a qualquer custo
além de não dar acrescentou a ideia
“eu não possuo nada que possa em absoluto
alimentar a mãe dos deuses a deia
que alimenta a todos sem mister de plateia
a todo instante e em qualquer reduto”
e também porque negador resistente
às instituições quando lhe chegou
um presidente duma associação com caô
a solicitar contributo aos carentes
um *hexâmetro* e meio da *Íliada* recitou
da paródica lira tirado epicamente
“despoja de todos os outros inclemente
contudo não coloca as mãos em Heitor”

- 131 xingado por entrar em imundos lugares
devolvia Diógenes “também entra o sol
e nunca polui seu lindo arrebol
dentro de latrinas templos lupanares”
“e por que então não tomas banho *brou?*”
“porque não desejo com os cães meus pares
apenas parecer de moles molares
mas ser canino afiado pra crivar meu crisol”
o sábio afirmava também que se pode
de tudo comer como qualquer animal
e a provar sua verdade com valor sem igual
não ficava só na fala que não fode
pois certa vez comeu um polvo cru o qual
numa encruzilhada estava mas pro lorde
a superstições cético não existia bode
na oferenda a Hécate boa em ser do mal
- 132 diziam “feito fera nunca poderão
os homens viver pois com carnes macias
e sem pelos são frágeis a forno e fria”
e Diógenes como um exemplo são
apontava as rãs nuas sem fio de tez fininha
e argumentava mais “os animais não
nascem onde não vivem pois senão
não sairiam os símios da caverna sombria
quando nem possuíam todas as mamatas
da civilização e vê que o rosto
e os olhos são as partes mais sensíveis do corpo
mas por serem também as mais amostradas
ao gelo e ao fogo têm menos sufoco
que todo o resto portanto com audácia
esmaguemos o infame da sociedade lassa
que com qualquer ventinho pega logo gogo”

- 133 assim falou Diógenes “Medeia que foi sábia transformando homens moles e medrosos em valentes e fortes com lutas e jogos lhes exercitando no corpo e na lábria lhes dando vigor e reforçando os ossos em *museus* e ginásios e esquentando na água das termas suas carnes e dignidades várias que os fazia renovos aprofundando poços acabou na fama de maga que em caldeiros os cozia e comia o que não seria mau nem bom pois passageira sempre a moral como nos comprovam povos estrangeiros pois tudo está em tudo e o complexo de mal a simples que ascende ao complexo sem freio nem fim só começo pra mais novos meios no eterno retorno do mesmo material”
- 134 assim falou Diógenes “o complexado Édipo foi um imbecil por ter escurecido a própria visão por tão banal motivo um incesto até por inconsciência incerto como se o estroina não tivesse podido andar com seus olhos após tanto sexo deveria era ter baixado um édito botando pra fuder e não ter se fudido sem ter aclarado os olhos de Tebas sobre o assunto e validado o ato mas inda bem que galos cachorros e asnos não fazem escândalo nestas castas glebas de gregos gregários com medo de boatos por essas bobagens nem os da persa cepa que são considerados de cachos sem carepa as melhores pessoas dentre os asiáticos”

- 135 vai aos Jogos Ístmicos Diógenes o cão
pra analisar os humanos vis
e um espectador quer saber se o vir
do viril é pra ver a competição
e responde o campeão “eu vim é competir”
“e teus adversários camarada quais são?”
“os que sem saltar correr lançar me dão
os desafios mais duros de se resistir
pois não pode vencê-los nenhuma grega mula”
“me diz logo quais são?” e contou o egoísta
consciente e voluntário “desejos e fadigas
o frio e o calor o alcoolismo e a gula
e não luto com e venço tais lidas
por folhas de parreira tal boi que fabula
e sim me ajudo pois assim a autoajuda
pruma venturosa e virtuosa vida”
- 136 pra fulerar havia Diógenes roubado
uma das coroas dos jogos do istmo
e pelas ruas saiu seu troféu exibindo
mas foi recriminado e aos gritos de safado
tomaram-lhe os pinheiros pois segundo os coríntios
ele era indigno de usar o paládio
por não ter conseguido vitória no estádio
e o primeiro entre humanos e caninos
“¿como eu não venço se vivo de devassas
vós preferis dá-lo a quem em bostas dessas
compete pras massas por socialismo néscias
a quem mais recheado de acefálica massa
que a mim mais recheado de espírito e agudeza
pra derrotar as maiores de todas as desgraças
sozinho sem milagre só esforço a taça
sobre exílio infâmia frio fome e pobreza?”

- 137 Diógenes ao ver olímpico campeão
 a pascer ovelhas sua pilhéria soltou
 “¿mas que queda hein! passando o senhor
 de Olímpia pra Nemeia?” nome em tradução
 significando ‘pasto’ da polis que sediou
 também competições com muita tradição
 porém sendo um polo de menor dimensão
 já ao observar um grande perdedor
 antigo lutador dos jogos pan-helênicos
 agora exercendo a medicina ruim
 igualmente mangou o imoral mastim
 “com as luvas do médico como és violento
 ¿porventura pretendes assassinar assim
 mascarando o veneno como se unguento
 aqueles que outrora no regulamento
 te sobrepujaram no *pancrácio* e afins?”
- 138 Diógenes vira no estádio um corredor
 rodeado de fãs que lhe prestavam culto
 aplaudiam e gritavam seu nome e aos urros
 o jogavam pro alto e portanto indagou
 ao atleta a causa daquele tumulto
 “é porque o grego mais rápido eu sou”
 “e ganhaste o páreo por quanto suor?”
 seguiu no inquérito “por um passo de vulto”
 “¿só pra tudo isso e nem és mais rápido
 que um mero cervo que serve de almoço
 pra muitos por ser dos animais com osso
 um dos mais timoratos? e mesmo com tal gáudio
 e apesar de nem tanto quanto esse povo
 continuas estúpido como o cardápio
 sem pérolas dado por algum larápio
 que te constitui de carne de porco”

- 139 “mas homem entre homens eu sou o mais rápido”
teimou o velocista “mas entre as formigas
há a mais veloz e pra isso quem liga
e se os corredores fossem aleijados
te orgulharias de seres nesta briga
de coxos o mais rápido? como já mostrado
veloz não é sinônimo de valente ao contrário
Heracles mesmo não pegava nem de biga
alguns oponentes contudo tinha flechas
que partiam na frente” atestou o atleta
do esforço e o outro “porém um poeta
versa que Aquiles de longas madeixas
era audaz e rápido” e concluiu o capeta
“quem disse? Homero o Poeta nos deixa
que o tal perseguiu um dia todo de queixas
a Heitor que só caiu por causa duma pedra”
- 140 no caminho pra Olímpia Diógenes teve
uma forte febre de excessivas dores
e reclamou vendo que muitos viajores
passaram por ele e nenhum se deteve
“ides assistir coisas sem valores
como brigas sujas e não ficais pra célebre
e limpa luta contra esta minha febre”
alguns dos seus amigos ouvindo seus clamores
ao seu socorro foram e quiseram levá-lo
em um jumentinho nada triunfal
porém recusou o opositor mental
repleto de caprichos “nem se fosse a cavalo
ide e amanhã conhecereis afinal
o grande campeão” e no dia imediato
combatendo só pelo eu combato
lá estava ele no frio festival

- 141 Mídias milionário e barra pesada
filhinho de papai com fama de furente
pois ferira Demóstenes e indiciado por este
também em Diógenes por claramente nada
baixou o cacete e o acinte em cima deste
“repara vira-lata que demasiado ladra
mas não morde nunca por essas porradas
te deixei três mil dracmas na mesa em frente”
calado por hora pegou o dinheiro
o grogue agredido mas invicto agonista
e conseguindo luvas com um pugilista
se exercitou o resto daquele dia inteiro
e na manhã seguinte surrou o antagonista
se vigando em face de ser cristão primeiro
mas sem froxura e disse “na mesa rafeiro
te deixei três mil dracmas pra baixar tua crista”
- 142 certo carpinteiro trazia ripas na rua
e disse “atenção!” mas não evitou
de atingir Diógenes que grave gritou
“atenção o quê por acaso insinuas
que me baterás de novo?” e isso só
enquanto já movia pra sentar a pua
seu pau pra pagar a agressão crua
completando “atenção!” e ao inimigo acertou
já outro indagou ao anarco ancestre
“como gostarias de tomar bordoadas?”
e o pacifista lutador de palavras
espiritoso ousou “cum elmo de veste”
e havendo um terceiro lhe dado cacetadas
o varão “por Hércules! um bem me fizeste
de ter que à rua usar capacete
me esquecido havia e me lembrou tua cátedra”

- 143 Diógenes de vez em quando dos enfermos
levava porrada por causa das descidas
do seu bom-humor e escândalos às vistas
por seu livre-amor mania de si mesmo
na *adoxia* sem vergonha mas o masoquista
gostava e devolvia com inda mais lirismo
trovador triunfante do seu narcisismo
em qualquer estado de sítio ou esportista
e ao ofídico Asclépio deus da medicina
o atleta do *logos* com risonha razão
consagrou um homem que derrubava ao chão
as pessoas sem motivo e partia pra cima
mas também a golpes de martelo ou bastão
filosofava tanto que em resposta a um sem rima
ca praxe do si mesmo que lhe indagara a cisma
“o que é filosofia?” cacetou sem perdão
- 144 Diógenes malandro e muito competente
pra se expressar tinha resposta pra tudo
e era a ele e aos outros um ludo
seu toma lá da cá e o vaivém um repente
de perguntas era frequente eis um turno
“como ser famoso fácil e urgente?”
“desprezando a fama continuamente”
“por que o ouro é pálido?” “porque muitos gatunos
conspiram por ele” “pra quê serve o relógio?”
“pra não se perder a hora do almoço”
“e o que é mais pesado o chumbo ou o ouro?”
“a falta de boa formação é óbvio”
“e ca filosofia conseguistes que louro?”
“enricar ligeiro sem um único óbolo”
“¿e se não tens servos teu corpo em óbito
quem levará à cova?” “quem quer meu dormitório”

- 145 Diógenes não instituiu escola
nem botava banca de cobrar as aulas
que dava o sábio da sacola sem sala
pra quem tinha ouvidos pra ouvir na tora
os ditérios e olhos pra ver sem amarras
os atos em qualquer ambiente e hora
porém inspecionava as alheias gaiolas
não como um chefe chato incauto ou mala
senão como o herói da Odisseia probro
que aos sobressalentes cidadãos detinha
com duras palavras e às claras dizia
e não com parábolas pra evitarem o roubo
e com moral se via os da vulgar gentinha
o mais que ovelha negra desgarrada do todo
falava até menos o pastor mais lobo
e lhes golpeava com sua mágica varinha
- 146 o fiscal Diógenes ao entrar numa escola
notando existir mais estátuas à vista
que alunos no recinto fala ao sofista
“assim comigo logo pedirás esmola
não sabia haver faculdades mistas
porém se os homens te dão pouca bola
ao menos a audiência divina te consola”
o filósofo então replica ao egoísta
“e tu? de quem sempre os pupilos somem
pra procurar outro professor de lucro
um que não procure as virtudes nos mucos
mas nunca ninguém largam por teu nome”
“o motivo disso é óbvio caduco
pois da raça perversa que pensa co abdome
é fácil fazer eunucos de homens
porém impossível homens de eunucos”

- 147 um traíçoeiro avisou a Diógenes "sabido um dos teus amigos te difamou à beça" e o combativo contrariou depressa "impossível que isso possa ter partido dum amigo contudo de ti tenho certeza que pode partir" e o falso ressentido começou na praça a injuriar tal previsto ao juiz mas este foi na jugular da presa "ainda bem que não me tornei por pouco um dos teus inimigos de número sem fim pois só falas mal de amigos peste ruim sem seres a verdade versus os escrotos mas ninguém crê quando falas mal de mim como não creriam se eu fosse um louco de outra espécie que pra conseguir troco no trato social falasse bem de ti"
- 148 um dos seus colegas lhe mexericou "falaram mal de ti Diógenes" e o infrene e invulnerável "mas não o condenes é só pois não sabe falar do melhor e quem acolhe injúria contra cu ou pênis de amigo é igual ao caluniador" e o *flâneur* com fanal de ferino calor o próprio quinismo de mutantes *memes* irônico ao ver outro camarada em apuros a se relacionar com galera néscia disse "isto é uma incoerência pois quando se quer navegar seguro se convoca sempre os melhores marujos com habilidade e experiência mas quando se quer viver com decência como companhia serve qualquer burro"

- 149 assim falou Diógenes “o segredo consiste no valor impagável da palavra não traída pois o amigo é uma alma dividida em dois corpos e alívio melhor não existe pra tudo que a amizade o verniz da vida por isso quem tem esperança de elite de salvar-se do vulgo sua meta consiste em possuir bons amigos pra ensiná-lo a lida todavia também precisa do siso de ardentes inimigos que possam refutá-lo grandes contendentes pra colocar no ralo reles preconceitos e não os imprecisos que fazem de moscas um elefante alado de pomba uma virgem dando luz a divos ou com crocodilos sequestram ao limbo a inteligência do jovem alunado”
- 150 certa vez Diógenes foi a uma sauna e vendo a imundície do lotado lugar quis saber dos presentes “¿e vai se limpar aonde quem toma banho nesta vala?” já quando saía doutra após se banhar lhe interrompeu um da humana fauna o ir e vir comum perguntando água se estava cheio de homens por lá ao qual informou o de tudo apóstata “homem aqui não existe nenhum apenas ensaios que nem a saias são jus” contudo em seguida outro quis resposta se de gente era grande o zunzunuzum ao qual confirmou sem piedade imposta o monstro inumano “ah na termal de bosta há gente de ruma permutando pum”

- 151 de Diógenes queriam saber qual o truque
pois tinha em Corinto e Atenas residência
e a resposta “pra obter a maior valência
das estações tal ave que migra ao mais salubre
e assim imito o Grande Xá da Pérsia
que divide em Babel e Ecbátana sua trupe
mas com a vantagem de serem minhas urbes
mais próximas uma da outra muitas léguas
com ginásios e templos muito mais bonitas
e sempre prontas à súbita hospedagem
de quem não se fixa nem por homenagem
pois em si mesmo o *onfalo* e bem melhor a vista
eu posso apreciar durante a viagem
pois pessoa que não possui não é possuída
por temor de perder o reino ou a vida
na próxima curva pela criadagem”
- 152 de Diógenes esteta da existência se diz
que escreveu muito e até que das letras artista
mas não nos chegou nenhuma obra escrita
pelo rei que ria dos escribas ruins
como quando lia com tédio de arquivista
um texto bem longo e chegando ao fim
a lauda em branco viu e gritou assim
“homens atenção há terra à vista!”
mas ele mesmo era dos bons e do seu estro
uma Politeia e outros tratados
tragédias co poder do humor contrário
a todos os poderes e sátiras ao sério
influenciando seu discípulo o escravo
Menipo de Gadara satirista egrégio
tanto que seu estilo empregado por séculos
e por tantos foi de *menipeio* nomeado

- 153 Diógenes disse “devemos fazer
cos livros igual cos ossos dos quais só
a medula tiramos a parte menor
e melhor e jogamos aos cães o chué”
e sempre enfatizando o grande valor
da prática espírito de como se viver
e não da letra corpo morto a jazer
no pálido papiro tanto que admoestou
a Hegesias que consigo já comia sem prato
como se o pupilo um burro pra lira
pois este uma obra emprestado pedira
ao pescador de únicos e semeador de atos
“tu és mesmo um néscio pois procuras e miras
da escrota escrita os figos pintados
ao invés dos reais e mais que o testado
queres o teórico que tua testa não fira”
- 154 certo rancoroso procurou saber
como se vingar dum opositor
e Diógenes apenas lhe aconselhou
“te transformando num varão pra valer”
“¿e como eu faço pra me tornar melhor
e ver as minhas falhas filhas do viver?”
“é só imputar os argueiros que vês
nos outros em ti mesmo e verás teu valor
o certo e o errado todos nós sabemos
em línguas estranhas e também no vernáculo
vergonhoso a vergonha pareça ou não o hábito
e escutei o vício se acusar nestes termos
‘ninguém é responsável pra pagar muito caro
por minhas misérias a não ser eu mesmo’
então fazes igual com tuas fezes enfermo
ca tua própria língua as limpa proprietário”

- 155 assim falou Diógenes “além do imaginário não há a verdade nem o bem mas sim quem os faça em casa e na praça outrossim o mal e a mentira nem na China ao contrário mas cuidemos primeiro do nosso jardim e em não nos meter cos tantos otários depois em não lesar os proprietários e só então salvá-los pro humano fim e se justo fazer o bem ao amigo pra este se apegar a nós mais ainda ao inimigo a coisa é muito mais linda pra ele se tornar amigo e com isso nos acobertamos da reprovação vinda do primeiro e da injúria do outro mas omissos com nenhum sejamos sobre os seus vícios pois antes sozinho que ter papas na língua”
- 156 ao avistar montado num negro cavalo um amarelo cheio de adornos vestido se encaminhando a um simpósio festivo de corpo perfumado e rosto maquiado lhe interrompeu Diógenes “¿não sabes furtivo que aos sábios todos os dias são sagrados e de festa igualmente e que cuidar aluado de cabelo e roupa mais que o carecido é coisa de crasso? ¿acaso vais fazer acusações levianas à mãe natureza querendo mais que a virtude a beleza pois ela te fez homem e não uma mulher? eu tinha ouvido até falar que eras um *hipoprostituto* contudo pude crer apenas agora que estou a ver a mísera metida a bela invés de fera”

- 157 apareceu um jovem muito afeminado
 e cheio de enfeites e frufus no dizer
 pra falar com Diógenes mas o sábio sem se
 se recusou razinza e passou seu recado
 “assim não dá! ¿como saberei o que quer
 se não sei quem é de máscara maquiado?
 levanta a túnica pra eu ver a falha ou o falo
 se és pelo menos homem ou mulher
 ¿não te envergonhas de não ser ele ou ela
 de tua fase anal ainda estar tesa
 de te fazeres pior que fez a natureza
 com essa tua cara de defunto amarela?
 se pelos rapazes com frescuras te lesas
 saibas ser inútil mas se pelas donzelas
 que gostam do rala e rola e de relas
 é um mal pro qual não adianta reza”
- 158 ¿na vida Diógenes me conta à vera
 o que há de mais triste? e o egrégio dispara
 “um velho indigente e ignorante cara
 pois a velhice é o inverno que ferra
 a vida e a falta de formação sai cara
 é o mais pesado fardo sobre a terra”
 e ao ver uma velha enfeitada à beça
 diz o dissidente da fumaça gregária
 “se isso é pros vivos saibas ser em vão
 mas se é pros mortos não mais te demores”
 e dum jovem de falsos anseios e amores
 por uma anciã sem asseio mas com mansão
 fala o sem morada corretor de valores
 “esse aí não é daqueles que não tiram
 o olho de cima da amante senão
 daqueles que não tiram os dentes predadores”

159 “as pessoas me ouvem a primeira vez
como se bebessem o mel do Ponto Euxino
por curiosidade sem saber se fino
ou grosso seu gosto entanto sem talvez
ao experimentá-lo já ficam mofinos
por saberem que é amargo feito fez”
Diógenes constata sobre sua acidez
de terrorista contra doces citadinos
e inquirido qual a coisa mais mais
da vida e seu valor o velho arremata
“primeiro o que tem preço não vale patacas
mas a liberdade de falar loquaz
sem falta dum *iota* a verdade que achaca
e de cumpri-la em atos pra que nunca jamais
as minhas palavras passem é que faz
valer a pena tudo e não custa nada”

160 a um jovem que palestra com sabedoria
sobre a virtude Diógenes emenda
“aos adoradores do corpo recomendas
os prazeres da alma sem idolatria”
e ficando perto do moço arenga
tira uns tremoços da bolsa sua *cia*
e começa a comê-los numa agonia
de exagerados trejeitos e muguengas
e desta maneira um monte de curiosos
passa a olhar o louco inútil e raro
que fala mais verdades que os chamados sábios
o qual abre os lábios sem lembrar dos tremoços
“oh como eu estou impressionado
por olhades pra mim de corpo vitorioso
sobre o saber tão atenciosos
e não pro sensato rapaz ao meu lado”

- 161 desafinado um moço peidava na praça
 e Diógenes lhe deu com seu duro cajado
 uma cacetada seguida dum recado
 “olha aqui *cazzo* que nada mais faças
 contra a opinião pública malcriado
 antes de virares um homem honrado
 çou achas bonito afrontar com tais graças
 sem se mostrar melhor que os escrachados?
 de certo teu pai quando da tua concepção
 estava embriagado e talvez inda esteja
 e que o suficiente esse fato seja
 pra ser ponderado acerca da criação
 dos filhos com moleza à bolo e cereja
 daqui passaremos à tua educação
 à cara *anaideia* mas primeiro carão
 através da *paideia* que é só peleja”
- 162 assim falou Diógenes “a educação
 é como a coroa de ouro da regência
 porquanto dá honra e magnificência
 a das crianças é como o artesão
 que molda ceramista como quer sua ciência
 enquanto o barro está mole mas não
 quando está cozido e assim o coração
 das pessoas de acordo com a experiência
 na juventude podem ser bem educadas
 pra estáveis titãs na instabilidade
 sem nenhum esforço reforçando o caráter
 pra aguentar e vencer os cravos da jornada
 mas quando adultas a tarefa é grave
 pois cheias de preconceitos e de mentes cansadas
 tanto que educar um ancião é parada
 é equivalente a curar um cadáver”

- 163 Diógenes vendo um menino guloso
deu uma cacetada no seu preceptor
afinal castigou o cômico pecador
não o ignorante iniciante no dolo
e ao educador falso o farsante falou
“e cuida cu de grude de em bom estado pô-lo
sem dormir nem beber nem comer como tolo
senão o suficiente pra manter o vigor
e se acaso ele te desobedecer
posto um bem alheio a penalidade
de castigá-lo cuida com severidade
e não com conversinhas pra boi adormecer
melhor ele ter medo do teu azorrague
que se transformar num fuleira qualquer
do contrário tu é que deves temer
a minha vera vara que fará que pagues”
- 164 assim falou Diógenes “os pais que a obrigação
de filhos arrumaram a mão não esperem
e pelo contrário em dar se apressem
porque os pais dando já não deixarão
em desgosto os filhos e estes sem estresse
e agradecidos acharão com razão
não ser conveniente pedir ao patrão
embora isto seja pros de sêmen inermes
pois não convém criar crianças pois dá
só no aumento da debilidade
da raça humana já temeridade
com tanta junta só de jantar e juntar
melhor se não natos mas já que é tarde
aconselho pelo menos remediar
que os filhos levem seus pais ao altar
do sacrifício assim que aptos à arte”

- 165 Diógenes vendo a olhar pruma puta
com muita insistência um *olimpiano* bélico
observou “lá vai o carneiro *babélico*
no colo da bela levado sem luta”
e agora direto ao másculo indiscreto
de músculos sujeitos à frágil astuta
“¿ei por que desejas comer dessa fruta
da qual o melhor é ficar famélico?
a meretriz é pior que seta envenenada
mais vale a punheta quando a pulsão vem
não sabes que é rainha té de reis?
aos quais que possuem muito pede sem parada
sem os esvaziar pois roubam das ralés
que têm tudo menos a si portanto nada
mas a ti que tens pouco facilmente a fada
do falo deixar-te-á sem um conto de réis”
- 166 assim falou Diógenes “elogiar a mim mesmo
me mostra que todos têm curto pavio
por isso e porque é verdade eu me elogio
e falo mal dos outros pelos mesmos termos
pois quanto mais conheço os grandes bugios
mais amo os cachorros camaradas do extremo
pois melhor zero à esquerda e nos sermos
que um outro sob a destra dum costume vazio
e penso que os dotes de oposição às greis
que se deve ter além dos principais
são se exaltar e humilhar os demais
por seus muitos defeitos e estar fora da lei
desavergonhado e arrogante mordaz
xingar sem distinção nem respeito a reis
e é assim que todos me admiram e eu sei
que me acham mais bravo que os generais”

- 167 Diógenes vai às festas populares
dizendo que nelas fica mais patente
a idiotice humana e as doenças evidentes
mais fáceis de curar que as vindas de altares
e alteres ocultas sobretudo as da mente
que tais celebrações ótimos lugares
pra sua *psicogogia* e mais pra malabares
a plebe que acha que de cão lhe ofende
e o *shakespeariano* e errante *clown* “é certo
o apelido porque na aglomeração
os vira-latas ficam e não mordem senão
os ladrões e arruaceiros e vigiam despertos
aos bêbados caídos mas cum lacôneo cão
eu pareço mais posto a comércio
brincam afagam elogiam chegam perto
mas não compram por não saberem sua função”
- 168 em certa ocasião junto ao estádio
de Corinto parou uma multidão
pra ver dois cavalos numa confusão
se dando coices um no outro enganchados
até que os animais sem juiz pra decisão
se desvencilharam já desanimados
e um deles fugiu com destino ignorado
Diógenes destarte sério brincalhão
“eis o campeão” e se aproximou
do que permaneceu e lhe coroou de louros
cerimonialmente tal ocorre com todo
o vão e se fazia com o vencedor
das competições ístmicas ao invés de ouro
e a turbamulta rindo ridicularizou
os atletas de corpo e mente estupor
que estavam por perto da briga dos calouros

- 169 era uma vez concluídos os jogos
na polis de Olímpia pra iniciar o goró
quando o peito o arauto soltou pelo gogó
anunciando à luz do sagrado fogo
“é o atleta Diôxipus o grande vencedor
ele derrotou os homens com seu corpo”
Diógenes estando no estádio não fez rogo
interrompeu a fala e a contestou
“o tal que está sendo exaltado
e pra engorda fora criado como as reses
vence só escravos e somente a eles
é que deveria por vós ser comparado
já eu venço homens e todas as vezes
só com a razão que tenho exercitado
meu juiz e advogado promotor e acusado
sou de mim campeão a me pôr entre os deuses”
- 170 Diógenes “ao menos não rouba a inconha”
testemunhou de honesto porém mau citarista
e lhe apodou de galo porque com sua grita
aos ouvintes expunha “que de pé se ponham”
e a um mau que afinava as cordas dum cítara
severo asseverou “¿tu não tens vergonha
de ajustar teu instrumento enquanto nem sonhas
em acordar tua alma às ações bonitas?”
e o acordado entre os dormentes do debes
comparava os vermes velhacos que a orar
proferem bondades sem as praticar
como os que exaltam a pobreza e a greve
mas bajulam os ricos pra migalhas ganhar
à cítara donde saem sons de boa verve
entanto sem ouvidos pra ouvir nem breve
não ouve nem sente a arte dedilhar

- 171 o solteiro Diógenes botava pra descer nos pais que realizavam sacrifício ritual pra poder ter filhos mas depois do natal nem reza pra crescerem homens de boa fé e achava que a família era anatural e que cada mulher poderia ceder a qualquer machão a deste depender espírito beleza dinheiro fama ou pau e deveria a prole pertencer à polis pra que todos tivessem o encargo da criação e ninguém fosse mais de ninguém já varão e assim pátrio a um filho da puta por mode este apedrejar pedestres cidadãos “cuidado criança pois qualquer desses pode ser teu pai e se um pra valer se fode talvez acabes como órfão de patrão”
- 172 a Diógenes veio um homem que falou “suponho que sou teu filho e acho que existe ouro guardado embaixo do teu manto” e ao bastardo o velho replicou “também desconfio que escondido nos rasgos da minha capa há um áureo valor e por eu supor ser meu o cobertor por cima dele durmo tal se fosse um capacho” já a um canalha que tentava roubar-lhe de madrugada a bolsa na qual pra *ataraxia* não acumulava tesouro o cão guia de tensão e atenção espartou em talhes “vai e leva logo essa porcaria prisioneiro que és solto nessas calhes pra nós dois podermos sem quem atrapalhe dormir sossegados nesta escura via”

- 173 Diógenes metódico em sua contracultura de individual revolta era opositor da revolução pública pois inepto pivô o povo pra dinâmica plural supercultura e a latir sua *etopoética* desejava impor porém não com *lattes* de ancião sem dentadura senão com o reforço da jovial atadura dos atos e talhava “o válido senhor é só o si mesmo e isso de nobreza por nascimento e fama por falsa falação são joias do vício e ao contrário são as únicas leis as da natureza a única correta constituição a do universo e a terra toda ela a única pátria e símile sem cela a humanidade a única nação”
- 174 Diógenes dizia “a beleza é a mais útil carta de recomendação mas as pessoas bonitas e ignorantes são vasos de alabastro com vinagre ao invés de vinho” e a um que tal documentação lhe pediu “pra quê? que és varão ao ver se sabe mas mil cartas não podem dizer se por nós mesmos não soubermos se és são” e quem era a própria verdade vivente com virtude à frente da beleza veio a um belo jovem que falava feio nem tanto pelos chulos mas principalmente por ser funcional nulo em arte e engenho e interrogou “¿não te envergonhas doente de duma bainha de marfim fulgente tirar uma faca de chumbo pezenho?”

- 175 em Delfos chamando atenção surgiu
uma escultura de ouro em tributo
de Afrodite feita por Praxiteles puto
da prostituta Frine que a ofertou e serviu
de modelo à obra de belos atributos
a musa que ganhou argentários rios
nas peregrinações de endinheirados mil
a Atenas por causa do bendito fruto
pois alta a quantia pra mais que a vitrine
não obstante ela sem cobrar prata
desse a Diógenes o dono de mais nada
senão de si mesmo que achava um crime
a carestia das xotas e na base da estátua
o proprietário do único sublime
acresceu a inscrição “feita do regime
de incontinência dos *dânaos* babacas”
- 176 assim falou Diógenes “as coisas melhores
são comercializadas por pequeno preço
um quilo de farinha no negócio avesso
não custa nem duas moedas de cobre
mas com quê não devemos ter muito apreço
o contrário ocorre pra existirem pobres
vale três mil dracmas estátua de adobe
sem drama pro cliente e ao vendedor sucesso
e isso porque os homens são escravos
de suas coisas todos juntando aquilo
que não são nem conseguem carregar consigo
e preocupados em não ser roubados
mas possui mais valor meu manto maltrapilho
e meu torto cajado que o cetro dourado
dos tolos tiranos e o traje encarnado
dos fêmeos sacerdotes brunos no seu brilho”

- 177 um adolescente se queixa do assédio de admiradores cos quais não quer nada e Diógenes sugere “dar uma parada nos sinais de luxúria é o teu remédio” e vendo um outro dormindo na calçada de bunda pra cima incauto co segredo “acorda pra alguém mais tarde ou cedo não te enfiar a lança pela retaguarda” e quando a lutar *pale* cum garoto de seus castos amores helênicos o mestre de mente e carne fortes fica indecente de pau duro pulsante ruborizando o outro que se afasta de susto mas o bode da peste de espírito esportivo pra amolecer de pronto a ação de falo em mãos fala “calma broto tua cor é a da honra e não sou como este”
- 178 pelo guapo Diógenes se apaixonou um moço porém o pai deste em não consentindo o relacionamento causa no menino doença sem lógica que se agrava logo e como nadinha de melhoras vindo nem com muitos médicos o pai já com remorso se dirige a Delfos pra do fundo do poço se safar no conselho do orago apolíneo “não proibas senão o desejo aumenta exponencialmente porém se permitires o caso será esquecido sem bÍlis rapidamente como coice de jumenta” e o pai autoriza extraído o *busÍlis* o garoto a curar-se pois também juramenta um namoro casto não por reprimenda mas por não ser cadela o pacífico Aquiles

- 179 um gajo se gabando de bem educado
nas escolas da polis a Diógenes veio
querendo ser seu aluno e o avaliador cheio
de suspeitas aos outros levantou o cajado
contra o garoto e este com receio
se abaixou e o mestre “por que estás abaixado?”
“por pura ignorância” se erguendo o culpado
e o juiz no descaminho do seu extremado meio
“desconheces a luta da *palestra* oh pá?”
“conheço e também salto arremesso e corrida”
e o Odisseu disfarçado de mendigo na briga
“não sabes tocar cítara e cantar?”
“sei e também danço e recito a *Ilíada*”
“¿e por que vens aqui te dizendo um mar
e ao meu bastão córrego a te acocorar
como um bandido ou boba rapariga?”
- 180 pra ser são Diógenes entre os tantãs
alegava que teve que se transformar
no mais louco de todos porquanto a clamar
havia avaros contra o cobre do qual fã
porquanto gramáticos estavam a par
dos males de Odisseu mas dos seus próprios nã
porquanto matemáticos no enorme afã
de olharem o céu soíam em buracos tombar
e interpretadores de sonhos aos seus clientes
amedrontavam fácil com todo pesadelo
de psicologia barata mas careiros
na consulta como se cirurgiões decentes
pois muitos os lesados que não tinham zelo
às suas ocorrências quando estavam cientes
mas lhes preocupavam bastante estranhamente
o acontecido no seu sono flagelo

- 181 assim falou Diógenes “que possam as mulheres se unir e transar com quem selecionarem no momento molhado que ao sexo ansiarem ou desejarem prole e se dos seus quereres se vestir como os homens em santuários e bares e fazer as mesmas atividades deles profissionais e reais pessoais e reles e possuir a si mesmas e donas dos seus lares que então não sejam em nada diferentes senão em serem fêmeas macias que pouco suam e caminhem livres por praças e ruas e entrem nos ginásios pra educação decente e também nos estádios pros exercícios nuas junto com os machos lutando igualmente sem inveja do pênis nem mais falsos da mente sem nada ocultar da beleza sua”
- 182 sem cólica Diógenes era contra as guerras e sua melancolia a verbalizar sem verbas combatia quem a colonizar pro comércio de massa levava a elas e disse a uma espada na estrada sem lar “quem te perdeu ou quem tu perdeste magrela?” e sempre quando naves a decolar de Helas “melhor pobre na terra que rico no mar prefiro não ter êxito entre os de honor a sim entre o horror da desonra a pepita” e assim o *solipsista* de eterna vida enquanto durasse o vigor sem pudor guardava seus gados pensamentos sem lista e não mais queria no tonel caracol pois o mundo com uma cagada superou co si-mesmo seu pleno poder de pontual vista

- 183 Diógenes na ágora agredido fora
e pra denunciar o seu malfeitor
se encaminhou à barbearia mor
onde se reuniam naquele agora
de Atenas os homens de renome maior
e comunicou a estes pra sua forra
o fato e do facínora a ficha pra forca
e ainda à queixa lhes acrescentou
"como a barbearia substituiu o Aeropago
vim cá pelo menos vos informar do evento
afinal sou a voz que reclama no denso
já que eu não posso porquanto não pago
abrir um processo judicial isento
e pra não dizerem os oradores gagos
que sou tão relapso cos meus próprios bagos
e o destino da polis tal sois vós *presidentos*"
- 184 quando lhe inquiriam qual dos animais
o mais perigoso respondia na lata
"o acusador dentre os selvagens mata
e o adulator dentre os domésticos mais
é melhor sozinho se encontrar na mata
com abutres bobões que com babões brutais
que devoram homens na frente dos demais
e ainda vivas as vítimas da prata"
porém ao ver médicos e pilotos de nau
e sábios em geral no reto caminho
o progressista prático contava com carinho
"entre os animais o homem é sem igual"
ao invés ao ver padres fiéis e adivinhos
o humanista de escolha e pacto individual
"sem dúvida não há pior animal
que o homem quando é o zé povinho"

- 185 Polixeno o sofista ficava irritado
quando invocavam Diógenes de cão
depreciativo epíteto vindo do povão
pra academia e já consagrado
até por Aristóteles do Liceu o bichão
mas o feito por si próprio iluminado
das praças e ruas pra acalmar o danado
lhe aconselhou “mas num liga não
também de cachorro podés me chamar
os nomes não dizem de todo nenhum pingo
Diógenes é apenas o apelido
que me deram sem nem me consultar
quando ainda eu nem podia ter refletido
porém sou o inefável sempre a se superar
e em verdade vos digo eu sou um cão e cá
pra nós de raça e caça guardião dos meus amigos”
- 186 Diógenes dizia “isso aí de amar
é ocupação de desocupados”
e louvava aqueles que tendo o saldo
pra contrair casamento deixavam-no pra lá
e afirmou o *ágamo* ao ser perguntado
sobre a melhor idade pra casar
“se jovem é bom ainda esperar
se velho o momento está no passado”
e em moto-contínuo destruindo até o amor
pra evolução viu em suas andanças
na casa dum recém-casado a estança
“aqui mora Heracles grande vencedor
portanto apenas entra a bonança”
e o andarilho ferindo com seu dom do humor
à frase mal feita então acrescentou
“depois da batalha é que vem a aliança”

- 187 Diógenes se liga antena atentando
na estranha guerra de duas graves gralhas
advogados com ares de verdade só palha
e os condena a ambos pois nefandos
nenhum deles perde nenhuma das batalhas
mentem um contra o outro mas do mesmo bando
inocentes e gente honesta acusando
ou defendendo filhos da puta e canalhas
noutra ocasião ao observar a cena
de obreiros do templo levando aos *litores*
um homem acusado de furtar uns cobres
do erário eclesiástico cum dístico acena
sabendo que a lei é má-fé de senhores
o inimigo número um do prisional sistema
“conduzindo o ladrão pequeno à pena
lá vão como sempre os ladrões maiores”
- 188 discursava Diógenes sobre a virtude
na pública praça mas por mais que sentenças
sábias e sensatas expressasse sem crença
a audiência nem lá pro que não ilude
contudo começou com canções e danças
chistes e piadas e uma multitude
se aglomerou em volta dessas atitudes
então ele a admoestou vendo tal mudança
“se alguém tenta falar do bom e do honesto
da idade da razão da náusea da nação
do covil de ladrões ninguém dá atenção
e quando possível ainda saem de perto
mas se é mentiroso parvo charlatão
querendo vender o que existir de resto
se amontoam como moscas os medíocres presto
pra ouvir o que piora o ruim que já são”

- 189 questionaram a Diógenes mosaico sem par
 qual a atitude que um homem probo
 deveria tomar em relação aos lobos
 roubadores ricos poderosos e já
 o díspar disparou “como com o fogo
 nem proximamente pra não se queimar
 nem remotamente pra não congelar”
 e pra coisa ferver no diálogo co logos
 “e Aristóteles não passa bem em Pela?”
 e o individualista existencial sem fé
 “que nada! pois almoça se Felipe quiser
 o fela que parece daquelas cadelas
 que vivem pra comer e feliz tal sou é
 quem come pra viver e Diógenes magrela
 pra *eudonomia* que a nada se atrela
 come quando Eu quero se comida houver”
- 190 por ter ganho Aristóteles um figo de presente
 que só quis pois pensou que se não aceitasse
 viria o doador Diógenes com uma de suas frases
 disse a este “o figo e o chiste perdeste”
 porém como o cão genuíno de boa base
 do humor que é o novo e inventa de repente
 não perdia jamais pra ninguém regente
 do improvisado que era respondeu sem quase
 “se eu dei não perdi se pegaste ganhei”
 e noutra vez de novo o segundo deu
 um figo ao primeiro e este recebeu
 e o jogando pro alto como um neném
 falou “grande é Diógenes” o qual desmereceu
 o elogio como bom inteiro pois além
 de grande era grosso “e olha que nem
 cutuquei teu caminho do meio co todo meu”

- 191 assim falou Diógenes “de noite e de dia
por onde desejo insólito caminho
no meio de bandidos ou soldados sozinho
me meto sem mister de núncios na utopia
de mim mesmo em qualquer lugar meu mundinho
pois não tenho inimigos nem temo a carestia
se fossem as casas ao pó e a ourivesaria
nem a isso e se nada de rebanhos ou vinho
não se alteraria a minha paz constante
nem melhor nem pior a minha situação
que agora seria meu auge sem tostão
pois como eu teria menos que tenho neste instante?
boa vida de frutas verduras e grãos
e água dos rios pois isto é bastante
pros animais maiores como os elefantes
e melhores como eu terem gozação”
- 192 durante Queroneia combate de mau fado
pras cidades-estados que caíram nas mãos
do Reino Macedônio que não dava perdão
Diógenes também terminou capturado
porém como ele em qualquer situação
sempre estava bem não foi derrotado
e pra Pela acabou sendo arrastado
pois sem resignação muita atenção
chamara ao proclamar aos quatrocentos ventos
indisciplinado no meio do exército
na individual revolta antipotente versus
a revolução grupal de momento
com autoridade genial contra os néscios
“eu sou um *heráclida* pra todos os tempos
e aniquilarei quem se arma sedento
contra os doentes áticos dos quais sou o médico”

- 193 já em real audiência se troa “te pergunto cometeste realmente essa insolência?” e Diógenes de voz ativa com violência não foge do mundo e confirma o assunto “só não tenho armas pra cumprir a ameaça” e continua o tirano “quem sois vós imundo?” ao atrevido espontâneo com gosto pelo absurdo “eu sou um espião de tua grande ganância e needade pois num jogo de dados num segundo pões em risco o reino e a vida” o doido que domina desprezador das ligas e se domina dono de si a existir de fato antes da essência e livre da intriga mais que a clemência ganha um abraço de Felipe Segundo que manda vigiá-lo pra que em armas não pegue a mão amiga
- 194 tanto caiu nas graças de Felipe que este pouco depois quando expedição militar comandava contra os persas ao avistar a Diógenes de longe foi pessoalmente ao seu encontro só pra lhe perguntar se necessitava de algum presente e o desesperançado e feliz justamente por não esperar de terra céu ou mar nenhum grão de futuro e não tendo mais que a roupa do corpo respondeu “de nada” e continuaram ambos nas suas caminhadas em sentidos opostos apesar dos tais serem de direita porém o rei de farda querendo o mundo todo sob suas leis e o mendigo já possuindo sua nudez destruíra as tábuas sobre sua morada

- 195 Diógenes a Egina viajava de veleiro
quando a embarcação acabou atacada
por tirrenos piratas que numa tacada
a tomaram tornando em prisioneiros
os tripulantes todos a não ser o autocrata
o cenógrafo livre em qualquer chiqueiro
e o capitão da armada Escirpalo intrigueiro
e intrigado atentou o preso de mais datas
que não parecia ligar por ser refém
“¿me explica altivo por que em aqueu
aos escravos como tu o nome se deu
de *andropodas*(pés de homens)?” e o do aquém
“porque eles têm os pés como os meus
e a alma como a tua” o que estrago fez
no bravo que admirou a bravura porém
e o agravo não rendeu nada pro rebel
- 196 Diógenes sentou diante dos outros
que ao seu inverso estavam tristes demasiado
porque capturados e ele um bocado
de ervilhas ofertou aos do preso povo
do que na sua bolsa mantinha guardado
porém abatidos não quiseram ovo
e disse o sábio ao bando estorvo
“ainda não deixastes de estar preocupados?
a morte não existe quando se tem vida
o bom é o bem do nosso carne e osso
vos servi do que tendes à mão melindrosos
porquanto também Níobe a lídia
de lindos cabelos se lembrou sem remorso
de comer depois da divina insídia
que destruiu sua família no palácio homicida
onde seus catorze filhos foram mortos”

- 197 com coragem Diógenes baixo e altivo
 pra sofrer vivia em perigo por causa
 de iconoclastas atos e icônicas palavras
 com bom-senso de rei e mendigo desatino
 mas se defendendo das atas atacava
 com humor os covardes de todos os tipos
 e ralhava “graves ou prosaicos os riscos
 surpreendem mais a urro o democrata
 mesmo que os previna que quem os enfrenta
 com coração de tripas pois quem tem fé com fogo
 em si mesmo não teme e o medo com rogos
 é tão lastimável que numa tormenta
 há dos navegantes quem antecipe o afogo
 nem espera o não ou o sim da nau lenta
 ao abismo em submersão porque não aguenta
 nem a ideia disso e se enforca logo”
- 198 os piratas prontos pra próxima ligeiro
 repassam Diógenes por pouco mais que nada
 aos comerciantes de Creta e o camarada
 como escravo é por trinta dinheiros
 colocado à venda na ágora lotada
 da capital Festos e lhe indaga o pregoeiro
 “em algum ofício ancião és obreiro?”
 “governar os homens nisso eu sou o cara”
 “te aqueta atrevido e em pé!” ordena aquele
 mas o cativo aos outros que ao eu não importam
 nem cala por si livre “do jeito que for posta
 a posta do peixe haverá quem a leve
 o que impressiona é que as compras da casta
 até se bostas são examinadas graves
 mas à venda um homem a espiritual chave
 pra expandir a espécie a beleza já basta”

- 199 assim falou Diógenes “é de reclamar
pois mesmo eu sendo um *kalokagatos*
me alimentam mal e ao se criar gados
estes são cevados com o melhor que há
com alimentos bem selecionados
pra que com boas carnes cresçam num piscar
e vendidos façam seu senhor lucrar
e pra tanto são até paparicados
entanto o homem um animal em tese
superior pra se criar a si como bem quer
que nem mesmo era pra criado ser
por falta de ração que preste enfraquece
além de privações outras pois até
espancado chega e a chaga empobrece
o dono também domado pela espécie
por falta de razão no comprar e vender”
- 200 “vai” ordena Diógenes “anuncia que estás
a vender um amo e logo surgirá
um parvo pavão que me queira comprar
pois sempre há quem careça dum cais”
e apontando pra rua “olha aquele lá”
e o pregoeiro chama Xeníades que vai
e ao ouvir o vendido se anima assaz
cos denotativos dotes do diá
tanto que o cliente paga muito contente
só pelas amostras de arguto palhaço
sem nem pechinchar ao vendedor avaro
nem da mercadoria observar os dentes
mas a compra ao contrário avisa já bravo
e nem um pouco bobo na função de gerente
“compraste um proprietário então cuida demente
de me obedecer como um bom escravo”

- 201 Xeníades àqueles absurdos do servo
recitou um verso de Eurípedes descrente
“os rios agora estão voltando às nascentes”
ao que respondeu Diógenes de nervos
e duro pau-mandado “¿por acaso doente
se comprasses um médico ao invés dum trevo
pra te curar não seguirias seus conselhos?
“seguiria sim” o cu-mandante molente
e prosseguiu o perro no seu aperreio
“então não me venha citar essa porra
meu dever retornante é falar em honra
porquanto compraste um manual pros teus freios
estás sob meu império portanto não corras
me obedecer deves em tudo sem receio
eu sou a verdade e a vida a via e o meio
pois em tudo manda o amo sem masmorra”
- 202 logo ao descobrirem que Diógenes estava
enjaulado e escravo seus amigos indo
pra Creta souberam-no vendido a Corinto
e lá foram tentar salvá-lo da vala
mas se surpreenderam com o fico de findo
o encontraram tão bem de fato e fala
que além do desdém ao salvo da senzala
lhes censurou o cético por fidos terem vindo
“o leão não é escravo dos que lhe mantêm
estes é que são do leão de livre vida
que se autodomina em si rochosa ermida
pois é coisa de escravo do medo ser refém
as feras como eu é que são temidas
por mal ditos homens mas poltrões lhes cai bem
pois presos nas casas que na areia têm
nos dão de graça roupa abrigo e comida”

- 203 em Corinto Diógenes passou a trabalhar de administrador dos bens de Xeníades e tão bem que este lhe elogiava de líder “um ótimo gênio entrou no meu lar” e preceptor dos filhos do patrão insignes os fez na equitação nas armas e em caçar lhes ensinou sentenças de poeta e escolar política e ciências e caseiras lides e esportes pra coragem cor e rigidez não pra competir e aos adolescentes instruía pra serem autossuficientes beber apenas água e comer pouco e bem a cabeça raspava-lhes e o seguiam silentes pela rua descalços sem adornos de *fem* de cabeça baixa sem olhar o vaivém e o respeitavam e o alteavam aos parentes
- 204 Xeníades vendo a ótima chefia de Diógenes quis lhe devolver a posse dizendo ao moedeiro pra que nunca mais fosse de ninguém escravo e que lhe agradecia os prestados serviços mas continuou forte e firme o marginal a cuidar da cria e da casa do amigo pois sido nunca havia de ninguém escravo e embora o passaporte de *meteco* exilado o *mefisto* ter se tinha como e era bem melhor nascido na singularidade de próprio em si parido que os nativos eupátridas filhos de mulher se fazendo o Rei dos reis e o mais rico na reinvenção do eu a cada dia que vier por mandar em si mesmo sem centavo sequer pois fora gerado dos deuses do Olimpo

- 205 escravo ou não mas senhor de seu ofício
perguntado por que mudara duma vez
pra Corinto Diógenes respondeu que o fez
“imitando os médicos que ofertam seus serviços
onde há mais doentes e como sabeis
meu novo torrão é populosíssimo
por causa do porto repleto de vícios
por causa das putas cheio de estupidez
o lugar perfeito pro sábio obscurecer
o fogo fanático com física e pôr
o vapor metafísico pra fora no cruor
a meter com razão prática e fuder
cos péssimos costumes sem um pingo de dó
com sua dadivosa virtude de ver
com sua liberdade de falar o que quer
e sua sem vergonha no agir onde for”
- 206 um escravo fora declarado livre
e se pabulava do seu novo status
na ágora e era parabenizado
quando interveio Diógenes de si mesmo xerife
“destarte qualquer parvo apadrinhado
será proclamado tocador de pife
geômetra ou escritor sem possuir a grife
das artes por não tê-las estudado e ensaiado
a promulgação não torna ninguém
um sábio nem livre apenas proclama
a sua condição maldita de mucama
do estado invés de militante amém
de si mesmo e inimigo do *leviatã* que trama
e leva os ludibriados no papo de leis
e costumes e dogmas na autoridade rés
de força feroz quando não de fama”

- 207 avistou Diógenes a Diotimo afamado afeminado e o ótimo consigo pensou “esse aí de um amo ou de um amor precisa urgente” e lhe pediu trocados e agradeceu ao seu benfeitor tendo recebido de moedas um bocado “que os deuses concedam o que tens desejado uma bela casa e um verão de vigor” assim como antes quando estava exposto à venda em Creta avistara um cliente outro feminino com andar de serpente ao qual com ferino e linguarudo gosto dirigiu a palavra que escraviza o ente o verão valoroso pra zombar do encosto “compra-me cadela pois pelo teu rosto vejo careceres dum marido potente”
- 208 Diógenes dizia que os homens vão quando tinham doenças no olho dente ou baço procuravam os médicos mas pra curar fácil sua tolice e loucura não ouviam carão tal se não sofressem na alma arregaços e achaques até mais que no corpo mas não ao invés os de Corinto riam como se são cas críticas aos outros mas fugiam num balaço da língua do cão se eram criticados só os estrangeiros lhe davam algum crédito entretanto quando escutavam os fétidos e azedos reproches ao que haviam praticado também iam embora e como sempre o *etos* do profeta não era reconhecido válido em sua própria terra porque muito ácido ao querer destruir o Tifão dos ineptos

- 209 questionado se não tinha sentimentos devido à dureza de sua filosofia Diógenes disse “tenho em demasia mas são diferentes dos teus ressentimentos” e explicando indagava “¿e pra quê serviria um filósofo macho com martelo pra espectros senão pra machucar com aforismos retos os alheios sentimentos? e com mais alegria ca palavra espada pras orelhas firo aos doutos e entendidos satãs dando de santo conformados de espírito e lixo portanto os admoesto como se lixasse o *nigro* do couro dum etíope até ficar branco em autocultivo não cultuo poleiros e rindo critico valores de dinheiro do desnaturado e impostor banco”
- 210 Felipe Segundo monarca macedônio mandou este recado a Corinto “já-já visito vossa polis” e os cidadãos a par em polvorosa foram como se o demônio viesse e cuidaram logo em trabalhar pra deixá-la bela e cum ar idôneo ajeitando edifícios as fontes e o trono enfeitando casas ruas fórum e altar e como sempre Diógenes por diversão sem planos não deixou por menos a este dia sua lida começou a rolar seu tonel pra cima e pra baixo intrigando os corintianos mas ele explicou pra não ficar cisma sua fama de indolente e inútil contrariando “o faço pra ninguém me acusar de leviano sem fazer nada enquanto vós em pantomima”

- 211 Diógenes dizia “Tiquê apesar
de ter arremessado um monte de pedras
nunca conseguiu me atingir à vera”
tanto que em sonho a deia veio lhe contar
“eu não posso contigo dublê duro na queda”
contudo somente pra contrariar
quando ele caía em algum azar
agradecia à diva do destino cega
“assim é que se faz te dou meus parabéns
sem consolador pra me tornar reça
como um varão de verdade me trata
desta e espero que daqui toda vez”
e ria e cantava dando sempre graças
à deia da fortuna que à força lhe fez
pra enfrentar o mundo enigma na altivez
ridente filósofo de sobre-humana raça
- 212 quando o estoico Diógenes era aconselhado
a abrandar seu ritmo pois já velho o asceta
no meio da multidão pra afinar a seta
discordava desse disparate de fracos
“¿então achas que faz assim o atleta
no marmóreo u do Panatenaico
perto de ganhar a corrida de obstáculos
e alcançar o Olimpo na rígida reta?
ao contrário e após milhas na firmeza
do honroso difícil de definir pro alvo
sem objeto de vida e perto de alcançá-lo
invés de diminuir irei com mais presteza
porquanto bem mais que as letras dos rolos
a sabedoria que se finge de lesa
pro pobre é riqueza pro rico é beleza
pro jovem controlo e pro velho consolo”

- 213 em justificativa ao regime restrito
Diógenes expunha seguir o exemplo
dos organizadores de coro atentos
dando o tom da música acima do quisto
pra assegurar que todos os membros
chegassem à nota precisa pro ritmo
e seguia sozinho sem mistério no rito
de duros exercícios de homem a contento
falando e agindo sem pensar nas listas
menos lendo e mais fazendo o fatal
que disse a um que uma mostra musical
há pouco acabara “com juízo se administra
casas e cidades *et cetera* e tal
mas não com zoada” e a um jovem flautista
cheio de presunção “garoto tens às vistas
o sopro mais potente que tua mãe no meu pau”
- 214 assim falou Diógenes “o duro exercício
aperfeiçoa tudo inclusive o caráter
e a filosofia somente tem quilate
se for praticada como se um vício
e a virtude não pode em nenhuma parte
morar com a riqueza nem num edifício
nem numa cidade ou se é bom ou rico
pois melhor ser pobre e sábio em aparte
que burguês e estúpido por tralhas dormente
os ricos são análogos aos recém-nascidos
pois sempre precisam de fraldas consigo
por causa do que ceiam assados e aguardentes
e como se sabe os tiranos indignos
não vêm dos tirados que comem parcamente
senão dos que comem esplendidamente
olhando apenas pro seu invisível umbigo”

- 215 Dionísio Segundo a Diógenes veio
pra saber qual metal o modelo melhora
pra então esculpir sua estátua da hora
e o sábio sapecou-lhe sem nenhum titubeio
“aquele usado pra esculpir à glória
dos grandes homens embora meio a meio
porque igualmente *gays* em seu recheio
Aristogiton e Harmônio de história”
querendo dizer nenhum o problema
pois ao *voltairiano* são dignos do dom
como os citados cidadãos de batom
os iluministas tiranicidas apenas
aqueles mataram Hiparco e ao *armagedom*
tentaram lançar a Hípias sem pena
estes dois antigos tiranos de Atenas
que insanos foram maus querendo ser os bons
- 216 “¿como se portava Dionísio em Siracusa
cos amigos?” e Diógenes sem nenhum rodeio
“tratava-os como sacos se se achavam cheios
pendurava e jogava fora sem escusa
se estavam vazios” e concluiu “mas o meio
é mesmo assim pois a vazia sepultura
onde se escreveu à tinta cultura
'amizade' é lisonja ou conluio”
e quando avisado que uns dos seus amigos
estava pra seu mal lhe tramando algo
rebateu o reto do contra isolado
no meio de tantos tortos “isto e não mais digo
senão que abraçam aquele ditado
não canino novo mas cínico antigo
de se comportar com amigos e imigos
da mesma maneira entre deus e o diabo”

- 217 Diógenes falou ao encontrar no exílio em Corinto Dionísio Segundo da Sicília que fora deposto do trono da ilha “quão pouco mereces estar estrapilho” e o humilhado “logo tu me admira mas que bom teres pena do meu precipício” “eu ter pena de ti saíesses do hospício? estou é com raiva pois servo de mentiras deverias caducar e morrer na usura como um tirano cruel e desonesto que tranquilo não pode fazer nem um gesto preso no palácio de luxo da frouxura como aconteceu com teu pai funesto entanto estás vivendo aqui pra cura andando na rua nessa compostura de simplicidade comendo de restos”
- 218 o gordo Anaxímenes em discurso empolado dava uma aula de retórica quando se ergueu Diógenes do tribuno zoando a trazer nas mãos um naco de pescado com a intervenção do bandido sem bando o auditório todo se voltou pro seu lado “apenas dum quilo de peixe mal pesado precisei pra deixar de te ouvir discursando e o melhor é que cales realmente e te alimentando do que não dá azia vás exercitar as palavras vazias se não se tornam atos de alguém decente e mais útil a todos o orador seria altruísta não só de boca cheia de dentes se desse um pouco de sua banha à gente e ainda por cima emagreceria”

- 219 assim falou Diógenes “o gordo glutão
que passa o dia comendo e a noite roncando
deveria ser expulso das cidades quando
tivesse completado por ordem dos sãos
a ritual volta em torno das tais e banha suando
daí fosse banhado na purificação
feita na farmácia ou melhor então
deveria ser servido em públicos banquetes
sacrificado como se faz com as baleias
fervidas com a água salgada do mar
pra perderem gordura e esta pra untar
a quem precisasse brilhar após a ceia
pra gastronomia sem ter que cozinhar
pois o melhor tempero é a fome cheia
e comer por prazer e só é coisa feia
que acaba levando a comer sem parar”
- 220 Pérlicas mandou um de seus empregados
avisar a Diógenes que viesse vê-lo
senão lhe mataria contudo o velho
retrucou o mandado com este recado
“diga-lhe que a ameaça nem me eriçou os pelos
pois aranha besouro ou qualquer dos gados
também podem matar-me e se esse meu fado
ao menos me livro daquele pentelho”
corroborando assim com sua terrível tese
que um homem deve estar sempre pronto
civil desobediente pra morte sem voto
e nunca temer os naturais reveses
porque ou usamos a razão pro confronto
ou viver será mau a maioria das vezes
de preocupação ca messe e os meses
e a força solução pra esse desconforto

- 221 quando elogiavam por viver numa boa
ao nobre Calístenes usufruidor dos grados
da corte de Alexandre de cognome magno
ponderava Diógenes pedagogo de proa
“mas isso deveria é ser execrado
pois só se alimenta se o cara da coroa
autorizar a boia e chora à toa
com pavor de perder o favor o coitado
e em verdade vos digo se sim ou não ouvis
meu pior pesadelo é cair pelo bucho
aos pés de dois peixes e cinco pães murchos
como acontece com milhões de vis
e viver flatulento num palácio de luxo
alienado do térreo e pedindo bis
enquanto os outros vivendo em barris
a naturalmente acompanhar o fluxo”
- 222 assim falou Diógenes “os homens metidos
em grandes empreitadas o fazem por desejo
e não por razão e a maioria sem sucesso
o pai anseia ter descendência nos filhos
o guerreiro prêmios e o banqueiro dinheiro
o agricultor colheitas e fama o político
e aos seus desejos estão todos restritos
o democrata a muitos senhores está preso
o advogado aos juízes e o tirano a deleites
o marujo ao azar e ao risco o general
e se tiram um deus de certo local
botam outro errado e o sábio de enfeite
o mais desgraçado metido a racional
não há um que toda a sociedade peite
até mesmo Sócrates que há quem respeite
se atou às leis e ao tribunal”

223 em Corinto uma assembleia prevê
um ataque à Pérsia sob o marcial comando
de Alexandre e a este loando em *ditirambos*
doutores padres poetas e políticos vêm ver
exceto Diógenes de quem o soberano
ouvira falar e queria conhecer
portanto procura saber o porquê
da ausência sentida do sábio insano
e este informa não ter interesse
em conhecer ninguém e o servo-correio
“contudo te ver é do rei anseio”
e o avaliador o aviso desmerece
“¿se é rei e anseia por que já não veio
se igual é a distância de mim até ele
e dele até mim e a distinção entre
nós dois pelos fins só muda o meio?”

224 Alexandre foi vê-lo embora mal-vindo
e a bronzear-se estava o soberbo esmoler
deitado na calçada com cães aos seus pés
na cuba do Cranion ginásio de Corinto
e em sua direção rodeada da ralé
a comitiva com seus cavalos indo
até parar ante o pedestre indistinto
pro chefe prometer de toda boa fé
“o que desejares Diógenes pede
por ti me desloquei a estas pobres bandas
no imperador por agora mandas
uma só palavra e a ação cede”
e o profeta impassível às tropas e trompas
“não me faças sombra e sai rapidamente
da frente do meu sol e não mais me ofertes
o que não podes dar com toda essa pompa”

- 225 o nego do filósofo nos babões inertes
por pouco não causou coletiva síncope
de indignação nos que faziam chistes
da pobreza dele anteriormente
mas o grande Alexandre soldado e príncipe
instado pela própria nobreza saiu da frente
e sábio anunciou “se eu não fosse este
queria ser aquele Diógenes de Sínope”
destarte o imperador que possuía terra e mar
e estava insatisfeito alguém encontrou
intelectualmente teimoso ao tentador
alguém ao qual nada podia dar nem tomar
pois satisfeito o único em não ter o que for
nem mais desejava senão ser no estar
o eu-proprietário pra se transformar
num outro exemplo de conquistador
- 226 o rei aprendiz de filósofo assim
resolve ficar mais um tempo no istmo
pra conhecer melhor a Diógenes e isso
já no dia seguinte do acinte e ao ir
Alexandre encontra o autêntico quínico
já tarde daquela manhã a dormir
e de leve lhe chuta as costelas e diz
“acorda ancião ¿não achas omissio
de tua parte metido que és a mentor
estares dormindo como um velhaco?”
e o doutor de almas desalmado anarco
se erguendo fala com *íscus* no humor
“¿e a um rei co dever de cuidar dos macacos
pra estes não saírem em passeatas a pôr
fogo até no paço será que melhor
coisa não existe que me encher o saco?”

- 227 “então Alexandre o rei conheces já?”
pergunta o próprio ao impróprio quem
e como ao anatomista dissecação convém
o afiado começa os cortes sem piscar
“o nome mas o homem pra mim é ninguém
por eu não conhecer da sua mente um a”
e o general de punir e vigiar
convida o *holista* pra tudo nem que nem
“mas podes conhecer também minha mente
pois vim aqui pra isso e pra aprender
especialmente estou aqui pra te ver”
e Diógenes o cara contrário a correntes
sem concessão nenhuma nem nada a perder
chameja pro choque “será extremamente
difícil me veres por mais que tu tentes
assim como prum cego ver o sol nascer”
- 228 vendo Alexandre cerrando os punhos
se defende Diógenes antecipadamente
“aos amigos não se cumprimenta valente
com as mãos fechadas mas abertas” e o cunho
do acunhador querendo conhecer o regente
relaxa a raiva mas o redemunho
em gente nem um pouco no plano de recunho
“pensei que tinhas vindo roubar meu bem ingente”
“e por ventura tens alguma propriedade?”
“nada que se possa dividir com outro
entretanto é demasiado valioso
mais que os utensílios todos de vaidade
mesas e talheres que Dario temeroso
e preso tem na Pérsia e de boa vontade
estou muito feliz co tesouro sem grades
o qual sou eu-mesmo todo-poderoso”

- 229 “não me temes velho?” indaga Alexandre
e Diógenes “és bom?” e o outro “sou”
“eu nunca vi quem temesse os bons”
“mas muitos me temem porque sou o Grande”
“e eu sou o Cão e não havendo maior dom
não te temo e não te sabia gigante
apenas um bastardo menos que infante”
o rei se irrita mas controla o furor
“mas por que afirmas eu ser um espúrio?”
“tua mãe não é Olímpia do Épiro?” pra ter
o sim o guru e o guerreiro “é”
“e então como ela narra seres fruto
de Amon ou Dioniso só não podes ser
de Felipe filho” explica o astuto
e gênio perspectivo e o general de puto
vai a desconfiado sem muito a dizer
- 230 “mas achas que sou um filho de deus?”
ainda assim Alexandre gagueja
e Diógenes “nada impede que sejas
porque como o próprio Homero respondeu
Zeus é pai de deuses e homens de peleja
mas não de escravos idiotas e sandeus
então se tu fores honrado sim és seu
mas se frouxo servil luxento e com inveja
com certeza não senão um condenado
e assim como os bons de Tebas a patriarca
recebiam no corpo o estigma da raça
os filhos de deus na alma são marcados
pro divino da terra separando babacas
e trigueiros saber quem está do seu lado”
o tirano gosta da ideia do danado
mas fica com medo de não ter essa marca

- 231 Alexandre até se chateia ca suspeita
pois quer conquistar ainda o mundo todo
se inquieta cas palavras do razoável louco
e Diógenes no meio do tornado um asceta
com loucura pergunta no papel de bobo
ou sábio do rei na dependência incerta
do que este possa pensar da *maiêutica*
ou sonhar sem a coisa por causa do *tropo*
“mas quais são teus planos?” “conquistar a Pérsia”
“e depois?” insiste o arguto e o algóz
“conquistar a Índia” “e tem mais depois?”
“conquistar o mundo” “e depois depressa?”
“quero descansar brincar ficar a sós”
“e apois e não entendo ¿por que te represas
invés de descansar e brincar ora essa
te livrando dum monte de cuzões de boi?
- 232 o magno pergunta a Diógenes o jeito
de melhor exercer a arte de reinar
e o digno responde “reinar mal não há
assim como não há um mau homem honesto
o rei entre os homens precisa se tornar
o mais corajoso bom honrado e justo
invencível às honras de festas e bustos
senão esse nome não faz jus usar
mesmo que os gregos te declarem assim
e coloques colares e tiaras de Afrodite”
e aí Alexandre “¿e quem é que transmite
a arte da realeza?” e o arquiarsequim
“com ela já se nasce e o próprio Zeus *zenite*
da elite quem a dá e ao herdeiro que ri
mister só se lembrar conhecendo a si
e reconhecendo quem é se exercite”

- 233 assim falou Diógenes “existem dois tipos de educação não importa a tática a divina teórica e a humana prática a divina é fácil elevada e sem riscos a humana difícil sublevada e crítica porém é forçoso que a primeira os ritos da segunda siga se quer ser reta e digo se é justo por obras e não pela figa e só tua relação ca verdade convém pois é individual essa salvação mas há jegues que acham que é a educação um jogo externo e o educado quem conhece as letras e não só da nação também persas e sírias sem se importar co bem e não pelo exercício incessante a cem um jugo interno suave e leve pra ascensão”
- 234 continua Diógenes “¿por acaso crês que a realeza se pode aprender cos sofistas? estes tolos são como eunucos bichas num sabem nem viver quanto mais ser rei antivirilidade em reflexões e cismas obesos e amarelos inúteis aos *gens* mais que os personagens de Homero e vê que este cegueta mesmo nos confirma que é a educação verdadeira a viril tal a de Heracles ágil e forte deve ser de humanas vária e una co Pater ou dos poemas homéricos não conheces til?” e Alexandre que sempre se gabou de saber a Ilíada e a Odisseia de cor não vê o fio sem mel onde se passa o potente perfil de Zeus e dos seus são o que deus não é

- 235 continua Diógenes “quando Homero aclama que alimentados os reis são por Zeus não é por este ser babá dos europeus e quando de consorte do Cronida chama a Míno o melhor rei que já viveu é pois os dois são sócios e se amam amigos verdadeiros que conhecem a trama e o urdume um do outro sem discordar do eu e quando intitula de pastor de povos ao rei é por este ser supervisor e protetor das gentes ao ouro superior e não açougueiro em campanhas de roubos como de costume dos *arianos* sinhôs pois não pode se opor ao seu pai o probo este está naquele e vice-versa logo aclamado rei só quem não causa dor”
- 236 Alexandre então “¿assim não julgas ladino o Grande Rei persa como rei não é? e o homem de opinião “não pois seu poder não é maior que o mim sobre o mindinho” “e eu serei um grande rei quando o vencer?” “sim mas não por isso e explico sinhozinho quando vence uma partida um menino levando-a a sério imperador se crê porém é apenas do jogo o vencedor e em realidade filho de algum carpinteiro ou oleiro que fugiu do paterno terreiro pra jogar a justa ou injusta do que for e assim os reis talvez sejam de vero só servos fugidos do seu legal senhor em junta com outros pra em ruínas pôr um grupo rival levando o jogo a sério”

- 237 Alexandre ainda acaba questionando
“¿mas quem poderá ficar na minha frente
pra ser o maior imperador de sempre
se eu conquistar iranianos e indianos?”
e impiedoso Diógenes o primeiro entre
os ímpares “um êmulo do teu próprio bando”
e o príncipe já com medo ignorando
qual é o rival que escapou dos seus dentes
“quem é esse maldito traidor duma figa?”
“é tu mesmo cara que nesse estado enfermo
de cega ganância não serás teu prêmio
e é mister que letra por letra eu te diga
pois os tolos nunca conhecem a si mesmos
por isso Apolo como sua divisa mais antiga
nos deu o ‘conhece-te’ sabendo ser sigla
do árduo ‘como nossa *hecceidade* termos’ ”
- 238 então diz Diógenes político animal
e divino ao ver Alexandre irritado
com suas setas palavras “te sei indignado
e tens a habilidade e a sanção legal
pra me matar cum só golpe de teu gládio
¿mas tens suficiente coragem e moral
pra ouvir eu falar a verdade total
que vara tua vaidade e te marca tal gado
ou te acovardarás com meu assassinato?
podes enfurecido me enfiar tua lança
se for do teu agrado porém assim danças
pois eu sou o único sem nenhum contrato
de quem podes ouvir a verdade com fiança
não aprenderás com mais ninguém é fato
pois todos os outros são menos honrados
e mais servis que eu que mando em minha pança”

- 239 e Diógenes a Alexandre pinta mais problemas
“e tu não tens o emblema da realeza meu real?”
“¿mas não disseste agora seu cara de pau
que o rei não precisa de externos emblemas
se não são diademas e tiaras me diz qual?”
“é o da abelha pois entre as abelhas
há uma monarca mas não tagarela
que é descendente de Heracles ou Arquelau
obedecem as súditas tão naturalmente
à rainha que a única que ferrão não tem
é esta pois não lhe desafia ninguém
o natural direito de ser a regente
já tu armado andas e assim te mantém
até dormindo e mostras como és valente
pois quem está com medo pode ser somente
um escravo nunca um rei de desdém”
- 240 vai dando Diógenes mais conselhos de pai
“não queiras ser rei antes de ser sábio
¿acaso não conheces do persa calendário
a festa que celebra a vitória aos Sacai?”
e Alexandre ignorando e pelo contrário
querendo saber tudo sobre os rivais
“qual é o que tem e o que lá se faz?”
e quem nunca se cansa de coçar os lábios
“por ano um escravo condenado à morte
é posto no trono do rei por um dia
e bebe e come inclusive as vadias
concubinas aias e a oficial consorte
dá ordens e não obstante não adia
sua morte que ocorre antes do seu lote
melhor seria ele seguir sob o chicote
que ceder ao capricho de outro ou da maioria”

- 241 “no teu caso é melhor usar a capa do pastor de cabras” Diógenes comanda e Alexandre ultrajado “eu de fina estampa com uma capa grossa é levar um tapa” “¿mas teu ancestral de quem te ufanas não era Arquelau um pastor de cabras?” “isso aí é só uma lenda escabra” “o que sei é que foi e não me enganas com genealogias pagas pois se isso for lenda tua origem nele também é sim senhor porém se verdade pra virtude o melhor sua simplicidade como tua legenda e quem sabe possas até ser um *quion* entanto acho difícil tirares a venda a tiara da cabeça coalhada de lêndeadas e te desvencilhares das coxas de Hefestion”
- 242 Alexandre o invicto de poder absoluto não pôde vencer ao despuadorado e anti-herói Diógenes que concluiu o parto “difícilmente alguém é capaz do tudo de governar a um só mesmo se ao lado agora imagina governar o mundo com milhões de pessoas como tu incluso que nunca verás nem te verão trancado é muito custoso e cheio de problemas porém é o governo de si mesmo um primor e muito barato sem grilo do que for sem querer nada já tem a vida eterna” e o príncipe naquela conversa se tornou um ilustrado déspota mais que na anal dezena de alienado aluno da *estagirita* pena e mesmo assim o rei tocou horror

- 243 assim falou Diógenes “Alexandre é forte
pros outros mas não chega nem a meu adversário
tão atrás que está na honra sem horário
pois eu sou o mais forte sem deveres à corte
ao sátrapa o que é do sátrapa seu erário
e eu desprezo seus mundos e fundos sua consorte
com minha verdade lhe causando cortes
desprezo suas mentiras pra dos favos áureos
se favorecer se dizendo deus
as quais só enganam a turba em espanto
mas sem contradição eu desumano canto
que ainda chegará o divino seu
primeiro que meu humano demasiado humano
ao indiferente Hades pra todos hotel
e lá zombarei dele com mais fel
que aqui na terra pois só ânus sem anos”
- 244 “por que olhas atento esta tuia de ossos?”
fala o imperador que está passando
a Diógenes parado a examinar tanto
aquela montanha de humanos destroços
que assim responde “estou procurando
os ossos do teu pai entanto não posso
parece impossível apesar do esforço
alguém distingui-los dos dum escravo infando”
Alexandre para e anui mas acomete
“porém será eterna sua memória de rei
e a tua pois vocação humana nenhuma tens
mendigo que és cairá logo no Lete”
e o filósofo alegre da *aleteia* intervém
“vêm a fama e a infâmia de ruidosas pestes
mas se houver além me explica mestre
vale além da morte o que não é do além?”

- 245 Diógenes pede a Alexandre Magno
uma simples dracma pra comprar pão e o Xá
“a doação não é régia” e o genioso já
“então dá uma mina mas a petição mano
nem um pouco é quínica” o rei rindo lhe dá
e o esmoler compra só um pão pagando
com a mina inteira e o rico “insano
com esse dinheiro dava pra comprar
uma padaria” e o libidinal puro
de coração e espúrio de entendimento
“pra mim tanto faz perder dez talentos
ou um óbolo porque nenhum deles procuro
por agora aonde há o movimento
eu que sou o pão da vida e valho tudo
queria comprar apenas um pois nada obscuro
de pão é que o homem acaba vivendo”
- 246 Alexandre disse ao avistar Diógenes
no barril encostado como soía seu rito
“ô tonel soberbo sobejo de espírito”
e se afastando o *rétor* retorquiou com sua *agoge*
“pois meu grande rei eu prefiro os pingos
do poço da fortuna imprevisível hoje
e amanhã à enchente do espírito que foge
porque sem a presença daquela são os litros
deste desditados com algo qualquer
mas o *amor fati* minimiza os fatos
pra se ultrapassar os limites do ato
e tanto faz a Pérsia derribada ou em pé
ou mesmo a Grécia sob saltos ou no alto
já que o céu é onde eu estiver
e de galho em galho sem adeus ou até
a todo solo visto pelo sol tô apto”

- 247 Alexandre uma bandeja de ossos
lhe mandou e Diógenes “o alimento sobejo
é quínico porém o mimo não é régio
porque os tiranos como aquele grosso
sempre tão-somente por vis privilégios
de comer guloseimas e carnes no almoço
fazem revoluções e nunca por tremoços
legumes e frutas e maior sacrilégio
é ele metido a ser mais que homem
mas por prestar contas a vários velhacos
e por sua insensatez a imitar Baco
não poder ser deus pois divos nem comem
por mais que sua mãe falsifique oráculos
ou seus puxa-sacos deus lhe condecorem
eu de todo dia digo que seu dia não demore
a ir com todo mundo pro mesmo buraco”
- 248 Alexandre enviara epístola a Antipatro
que estava em Atenas através de Átlios
nome significando ‘infeliz’ em ático
e Diógenes metido ali quando do ato
achou engraçado o acaso trágico
“um infeliz que dum infeliz é parto
por um infeliz a um infeliz de fato”
e a carta era pra agradecer o mágico
anúncio do magno no mais alto grau
de poder material como Dioniso
pelos atenienses covardes submissos
e o agnóstico no ápice da força espiritual
de autocontrole e flutuante siso
entre dionisíaco e apolínio aval
de encontro a isso não fez bem nem mal
se autodeclarando Serápis cum sorriso

- 249 general Antipatro que acabou sucessor do imperador deu uma nova capa a Diógenes e este por isso dum lapa recebeu repreensão a quem então citou um verso de Homero como uma tapa de luva de pelica “desprezar não vou as dádivas esplêndidas de Zeus nosso senhor” já um benfeitor que não era sátrapa mas uma outra capa dera ou emprestara ao singular-plural veio reembolsá-la mas não a devolveu o bolsista mala e mesmo sem dever explicou ao cara “eu achei que tinhas me dado essa gala mesmo assim é minha pra sempre agora porquanto se era empréstimo outrora ainda a estou usando e não penso em tirá-la”
- 250 o general Cratero por um do seu rebanho a Diógenes mandou avisar que viesse conviver consigo e nada trouxesse pois de tudo teria cama mesa e banho mas um não é que foi tal foice pra messe “eu prefiro em Atenas como um estranho lambar pedras de sal a com tal tacanho em jantares fartos aliviar o estresse” e sua fala acordava com suas atitudes andando na virtude do estreito agreste a agulha sem norte “é estar sem veste mesmo sem ginásio pra educar a urbe melhor que qualquer manto escarlate e dormir na terra pra ótima saúde melhor que qualquer cama ou ataúde pra quem as mordomias morde quando late”

- 251 Diógenes dizia que Harpálus pelego
da corte de Alexandre que por várias vezes
com sucesso roubara vivendo mil meses
no estado de boa sorte sem ser pego
era testemunha em desfavor dos deuses
que não faziam nada contra seu sossego
se viam seus crimes ou então eram cegos
ou pior o ajudavam a sair dos reveses
já quando apanhou em flagrante delito
o nosso criminoso herói *stirneriano*
a outro que disse se justificando
que roubava porque esse seu destino
uma cacetada deu-lhe completando
“e é teu destino ser pego e punido
de pregos pros teus punhos eu orago te digo
pra deixares de ser inepto em teu trampo”
- 252 vendo o ladrão de roupas Axiopisto
no público banho Diógenes lhe diz
uns versos da Ilíada por achar imbecis
os banhistas broxas que ali fazem tipo
“¿por acaso varão virtuoso estás aqui
pra despojar um desses cadáveres caídos?”
e ao ver capturado um desconhecido
gatuno de púrpura à epopeia bis
o andarilho aedo “apressou-lhe furente
a púrpura morte o poderoso Fado”
e dá de piada sem altruísmo de gado
a um criminoso convertido em crente
que está na borda dum poço escorado
o duplo lembrete “cuidado imprudente
pra não teres uma recaída de repente
e chegares pra sempre ao fundo do malvado”

- 253 questionado Diógenes se a morte era um mal
ao inquisidor disse “não vejo que seja
se quando está presente não há mais quem veja
nada mais se sente nem nada é real”
“e quando morreres como tu desejas
o teu sepultamento?” e o sem manual
“eu não me importo com nenhum ritual
ainda mais pra quando nem uma cerveja
contudo se quiseres acaso me enterrar
por me achares teu morto pois morto te acho
então me coloca de boca pra baixo
porque um dia desses tudo vai virar”
e isto insinuava o subliminar macho
de reino sem fim por ser um não-lugar
que a Macedônia estava a ganhar
espaço ao extremo pra propagar seu facho
- 254 assim falou Diógenes “de verdade certo
foi o herói Heracles que quando se pegou
sem a valentia no mais alto valor
que é o de ser quínico em reta pra ser reto
e sem esperança com humoral humor
de ressurreição ao instituído insurreto
pois estava ficando mais frágil e lento
fez uma fogueira no quintal e prestou
a si mesmo o melhor serviço que alguém
pode se fazer pra não viver de touca
sem a virilidade da vivência louca
e se não faz falta um homem de bem
imagina a raça humana toda tosca
se esta sumisse eu penso que nem
derramaria lágrimas a terra além
das que se sumisse a súcia das moscas”

- 255 ao ver Diógenes servos valetudinários transportar utensílios lhes perguntou “de quem?” “de seu Anaxímenes” “¿e vergonha não tem de possuir tanta tralha esse usurário sem possuir a si mesmo?” e pau nos reféns que vendo a cupidez de seus proprietários não lhes surrupiavam e mais nos otários que dos cidadãos ovos lambiam e também acoçando caçoava dos escravocratas do trabalho inimigo em seu *linguae lapsus* a um dos quais cujo capacho os laços do calçado amarrava lhe ladrou na lata “e não és feliz inda o bastante crasso se o nariz não te assoam mas nem digno de patas dependente assim um dia sentirás falta quando não puderes mais mover os braços”
- 256 assim falou Diógenes “mísera e mortal linhagem de homens que à tumba tumba um nada senão semelhante à sombra dum lado a outro girando tal qual um peso leve sobre a terra que zomba de nós nos enterrando impassível sem tchau ainda assim a maioria animal dos homens possui sua alma tão tonta por notoriedade sem nem talento ter que ambiciona ser essa joça jaça mais rememorada por grandes desgraças que um dia esquecida por não padecer de nenhuma tragédia resistindo na raça mas quem ultrapassa manias e manés é que é o forte que fica com fé na terra de acordo com a casual graça”

- 257 assim falou Diógenes “o que envelhece nos homens em geral mais rapidamente é a gratidão pois no mesmo instante que a direita recebe os favores esquece a canhota mão do benevolente já a esperança se rejuvenesce a todo momento e por ela a ascese os pelados primatas desdenham e mentem precipitam-se em preces pra pedir migalhas e dominados pelos mil desejos caem num mico de pedras serpentes e lacrais um sepulcro caiado são esses canalhas que almejam até após o nunca mais já que morto o corpo a alma também falha conservar-se em canopos ataduras e palhas mas na vida não têm um minuto de paz”
- 258 Diógenes de vez em quando pedia a um certo amarrado que nunca lhe dava e o tal murrinha certo dia com raiva ao total transferente “por que me arrelias?” e quem deu o que não tinha com a clava “porquanto preciso de êneas mixarias e tens cobres a fole mas se sabedoria pediria a Sócrates pois tu nem uma fava” e algum tempo depois o vitalista nato avistou o avaro levado ao cemitério e em seguida enterrado num ritual austero então o hedonista com tudo deleitado comentou diante daquele sem mistério burlesco e sério aliás como de hábito “depois de ter vivido sem viver o coitado deixou de herança a vida pros banqueiros”

- 259 Diógenes dizia “a consciência vetor
supera todo o mal da língua invento
e sente menos medo do mental momento
quem está consciente que em seu interior
não há nenhum mal e um novo vento
lança contra o fumo idealista do prior
o mundo humano só não é o pior
dos mundos possíveis pois tô nele marrento
e em mim principalmente acima das zicas
pois muitas as moradas do mim-mesmo sortudo”
e a um ovino que pábulo num surto
lhe mostrava sua casa o danado deu dica
“é bela e vale um milhão contudo
parece com os templos egípcios de linda
edificação mas que contêm ainda
macacos e gatos dentro do *construto*”
- 260 Diógenes estava com uma dor no ombro
e como claramente se incomodava
um homem indicou “¿por que não te matas
pra te livrar logo desse grande incômodo?”
“porque aos ignorantes que não sabem nada
do que deve ser feito ou falado o tombo
na tumba é mister mas ao invés pro bônus
do Olimpo vivem os sábios magnatas”
retorquiu o meteco e um outro se meteu
“mas a própria vida é muito hostil”
ao que o condutor de almas infantil
e espiritualmente perfeito respondeu
“a vida mesmo não mas o viver vil”
e ainda um terceiro “a morte sim é fel”
e o mais que bom nobre e também plebeu
“não é por não ser infame” concluiu

- 261 Diógenes “não há” pros pares de descrença
 que “qual a diferença entre vida e morte?”
 e instaram “e por que continuas nesta sorte?”
 “apenas porque não há diferença”
 “e quando partires pra outra em qual lote
 tu desejas ter sepultada a carcaça?”
 “podeis me deixar insepulto crianças”
 “exposto aos pássaros e às feras velhote?”
 “de jeito nenhum se vós colocardes
 ao meu lado uma bela vara bélica
 aí mais isolado rebelde que eu era
 afastarei quantos forem os covardes”
 “¿mas como poderás fazê-lo se à vera
 nada sentirás?” disseram os compadres
 e a estes o adverso à irrealidades
 “então não pergunteis se ficarei às feras”
- 262 assim falou Diógenes “estúpidos helenos
 se preocupam com como serei sepulto e quero
 que me deixem aos cães pra terem sem tempero
 pedaços de mim meus amigos fraternos
 pois pra depois da morte o grande sem mistério
 não tenho cuidados de céu ou inferno
 e o único em vida é ser o eterno
 dum homem honesto e pra tal magistério
 precisamos nós todos estar conscientes
 do que acontece de bom ou de ruim
 em nossas residências pra amarmos assim
 a nós em corpo armado e nos é premente
 saber que elas não são de pedra e sim
 de carne e só eu sou corpóreo e coerente
 a única de veras igreja vivente
 onde habitam deuses musas e afins”

- 263 Diógenes estava dormindo muito
tal não costumava e um camarada médico
preocupado e curioso acordou o cético
e partiu direto ao clínico assunto
“qual o teu problema o que sentes é sério?”
“besteira apenas o irmão sono astuto
antecipando sua irmã morte” e o luto
sentindo já meio cansado o atlético
dos trabalhos concluídos não quis continuar
sem o vigor de vida da verdade parceiro
e logo duma ponte se lançou em frecheiro
após ter avisado ao vigia do lugar
“não é necessário me enterrar companheiro
deixa que o Ilissos lava o que sobrar”
mas amigos ignóbeis de força cavalgar
sobre seu poder lhe salvaram inteiro
- 264 assim falou Diógenes “ridículo os vivos
que se apodrecem porcarias comendo
e bebendo e querem por embalsamamento
conservar seus corpos após falecidos
eu com o *post-mortem* a vós todos lembro
nem um pouco me importo pois nada vale o sido
podem deixar como na Hircânia esquecido
meu cadáver e os cães ou os abutres atentos
destróçarão sua carne porquanto pra quem
continua a viver a morte é um auê
entanto se nenhum animal o fizer
melhor pois o mestre que nem vai nem vem
chamado de tempo sem pesar nem prazer
me dará o sepulcro mais suntuoso que tem
mas quem não pedir receberá também
o sol e a chuva e seja o que vier”

- 265 Diógenes divino e porta bastão
sem cruz nem chicote ao suicídio sábio
se resolveu cravando os dentes nos lábios
e mordendo o sopro vital saiu do chão
sem dar satisfação e sem astrolábio
subiu pra dialogar cos deuses no panteão
e habitar as estrelas o celeste cão
porque descendente de Zeus porta raio pátrio
canis major alfa ele-mesmo luze
como um do povo de únicos satírios
como a mais acesa a canina Sírius
marcando os dias de cão de bárbaras cruces
pros gregos decadentes de todos os vícios
que nunca mais terão a grande virtude
entre o ente e o nada pra si todas as luzes
em tão alto valor quanto mais difícil
- 266 o marrento morreu somente quando quis
no veranil solstício e no mesmo dia
mataram Alexandre por alheia covardia
ao inverso do velho dono do nariz
que suspendeu o fôlego até a asfixia
no Cranion onde o acharam sem verniz
já há muitas horas enrolado ali
pois estranharam já que quase não dormia
e seus desolados discípulos inclusive
brigaram pra ver quem faria o velório
do água viva e sal da terra sanatório
ou deixava ao léu ou jogava livre
às margens do Ilissos o corpo do glório
a quem tanto fazia pois vale só quem vive
sua história existencial se em cimo ou declive
e ele já não mais era do sensório

- 267 os pais dos rapazes então deslindaram
o fúnebre imbróglio e na saída pro istmo
perto das muralhas num mausoléu lídimo
o enterraram e edificaram
dórica coluna um marco coríntio
sobre a qual um cão de mármore de Paros
e ao lado escultura ênea cinzelaram
daquele que achava as odes um lixo
e bustos a embusteiros jogava na cova
mas como falava e fazia sem farsas
pra homenageá-lo ainda mais a praça
no pedestal da estátua de Antífilo a trova
“sabeis todos vós que até o bronze passa
porém não passará o exemplo que prova
pelas ações de aço da vivência nova
do campeão invicto da humana raça”
- 268 Diógenes humano no Hades fez ponte
na barca à caminho dos Campos Elísios
e no Tártaro disse ao ver Creso ex-rico
se deitando insone com tristonha fronte
no áspero chão em situação risível
“não trouxeste nada do que tinhas visconde?
já eu trouxe tudo e pegou Caronte
apenas o calote do óbolo de níquel
nem o velho manto que não se desfaz
com remendos novos pois só a incerteza
do alheio eu trouxe a única riqueza
de tudo que até aqui me faz vivaz
desnudo deus sem posses e assim nenhuma perda
sem cajado e alforje no qual nem mister mais
algumas ervilhas e terei em paz
meu paraíso agora como foi na terra”

- 269 Diógenes passou ao primeiro círculo
do Hades e príncipe entre os seus pares
os ilustres pagãos de *daimons* e lares
até nossos dias veio desenquadrando o circo
a dialogar cos mortos em versos estelares
sua divina comédia continuando ou mendigo
em prosa rasteira no seio dos mais ricos
pois criadores de todos os tempos e lugares
até que um discípulo viesse e escrevesse
sua *hestória* quase toda infielmente
e ele calmamente com unhas e dentes
num cachorro qualquer se restabelecesse
em *metempsicose* pra naturalmente
viver avesso ao vento idealista em benesses
de não carecer conhecer um esse
senão a nobreza de ser independente
- 270 eu Joedson filho de João Galdino
e pai de João Diógenes aos quais dedico o livro
sou este discípulo que passa o crivo
e escreveu tais coisas sobre o canino
testifico ser verdadeiro e vivo
tudo o que se disse e agradeço aos *dinos*
Diógenes Laércio e João de Patmos
pelas grandes vidas que me deram motivos
Diógenes ainda pregou muitas peças
antes de nascer e após ter morrido
que por falta de tempo e espaço omito
pois se escritas todas seriam à beça
os tons e os sons desse infindo mito
pois mentia demais o poeta da breca
creio que nem no caos da babel biblioteca
caberiam os livros que seriam escritos

ADENDO

(prum futuro Evangelho de Crates
ou Atos dos Apóstatas)

seu Crates de Tebas um arquimilionário
por se impressionar cas palavras pedras
e ainda mais cas ações sinceras
de Diógenes lançou no mar seu erário
e foi pra Atenas sem mais nenhuma espera
apenas ca *pera*(sacola) o sudário
e o cajado pra ser pupilo quase páreo
ao mestre ao fazer par com Hipárquia bela
de Maroneia e esta também renunciou
aos bens materiais e dos dois um casal
se fez sem fé nem leis pra revolução
sexual e moral com morada e amor
na rua virando sábios pra mundanização
da filosofia foram um mó e motor
mentores de Zenão de Cítio que fundou
o estoicismo filho direto do cão

RESUMO

(ou o zero da suma
escrito em 2011 pra ajeitar as datas)

eu sacrificaria milhões como pulgas
pra que em minhas mãos a artística magia
da salvadora lâmpada que à luz do dia
te trouxesse de novo ao tempo da fuga

sob sol indiferente que a todos alumia
mas não um como tu que rei nu da pocilga
preferes a servo num céu de intrigas
pois se eu não fosse Joedson Diógenes seria

mas minha vaidade meu orgulho e egoísmo
são pequenos perto dos teus pois galinha
a todos nós fizeste meu deus do cinismo

senão largava o pouco que tenho na rinha
ficava com o muito que sou no mim-mesmo
e não escrevia nem mais uma linha

